



OLGA REGINA ZIGELLI GARCIA

VOCÊ TRABALHA OU SÓ DÁ AULA?

Vivências e entrelugares
de uma trajetória docente no
ensino superior público



OLGA REGINA ZIGELLI GARCIA

Enfermeira, doutora em Ciências Humanas/Estudos de Gênero, professora titular do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC onde é pesquisadora do Instituto de Estudos de Gênero, do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades -NIGS e Líder do Laboratório Interdisciplinar de Ensino, pesquisa e extensão em Sexualidades – AFRODITE-UFSC-CNPq. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão nas temáticas de saúde da mulher, sexualidade, sexualidade da mulher, gênero e diversidade sexual. Dentre os cargos administrativos que já ocupou na carreira universitária destacam-se: Subchefe de Departamento, Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem, Diretora do Departamento Técnico de Ensino da Pró-Reitoria de Ensino e Graduação, Coordenadora de Diversidade Sexual e Enfrentamento da violência de gênero e Coordenadora do Espaço Cultural Gênero e Diversidades – UFSC.

VOCÊ TRABALHA OU SÓ DÁ AULA?





COLEÇÃO MEMÓRIAS

Coleção do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que apresenta memórias e trajetórias acadêmicas da Rede NIGS.

Coordenação: Miriam Pillar Grossi, Olga Regina Zigelli Garcia e Tânia Welter

CONSELHO EDITORIAL

NÚCLEO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SUBJETIVIDADES

Alinne de Lima Bonetti (UFSC)
Anna Carolina Horstmann Amorim (UEMS)
Anna Paula Uziel (UERJ)
Anelise Fróes da Silva (UNDP Brasil)
Carla Giovana Cabral (UFRN)
Carmelita Afonseca Silva (UNICV)
Caterina Alessandra Rea (UNILAB)
Claudia Regina Nichnig (UNESPAR)
Crishna Mirella Correa (UEM)
Eduardo Steindorf Saraiva (UNISC)
Elisete Schwade (UFRN)
Fátima Weiss de Jesus (UFAM)
Flávio Luiz Tarnovski (UFMT)
Isadora Vier Machado (UEM)
Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA)
Jimena Maria Massa (Universidade Nacional de Córdoba)
Luiz Mello (UFG)
Marcelo José de Oliveira (UFV)
Mareli Eliane Graupe (UNIPLAC)
Marlene Tamanini (UFPR)
Maria Begoña Sanchez (Universidad de Cadiz)
Marinês da Rosa (UNEMAT)
Melissa Barbieri de Oliveira (UNIOESTE)
Miriam Adelman (UFPR)
Miriam Pillar Grossi (UFSC)
Myriam Aldana Vargas Santin (Católicas pelo direito de decidir)
Maria Violeta de Siqueira Holanda (UNILAB)
Olga Regina Zigelli Garcia (UFSC)
Patrícia Rosalba Moura Costa (UFS)
Pedro Rosas Magrini (UNILAB)
Paula Pinhal de Carlos (UNILASALLE)
Rosa Blanca Cedillo (UFSM)
Rozeli Maria Porto (UFRN)
Simone Nunes Ávila (Aids Healthcare Foundation – AHF Brasil)
Tânia Welter (Instituto Egon Schaden)

OLGA REGINA ZIGELLI GARCIA

VOCÊ TRABALHA OU SÓ DÁ AULA?

**Vivências e entrelugares
de uma trajetória docente no
ensino superior público**



Florianópolis, 2021

2021, Olga Regina Zigelli Garcia

Coordenação editorial

Tânia Welter

Projeto gráfico e diagramação

Rita Motta – Ed. Tribo da ilha

Grafismo

Felipe Bruno Martins Fernandes

Revisão

Nathalia Müller Camozzato

Edição

Editora Tribo da Ilha

Capa

Catarina de Alexandria, considerada padroeira dos estudantes, filósofos e professores, retratada em mosaico pelo artista plástico, poeta, intelectual, pensador, mosaicista, muralista e artista multifacetado Rodrigo de Haro, (Paris, 6 de maio de 1939 – Florianópolis, 1 de julho de 2021).

FICHA



EDITORA TRIBO DA ILHA
Rod. Virgílio Várzea, 1991 – S. Grande
Florianópolis-SC – CEP 88032-001
Fones: (48) 9-9122-3860
editoratribodailha@gmail.com
www.editoratribo.blogspot.com

Tua caminhada ainda não terminou...

*A realidade te acolhe
dizendo que pela frente
o horizonte da vida necessita
de tuas palavras
e do teu silêncio.*

*Se amanhã sentires saudades,
lembra-te da fantasia e
sonha com tua próxima vitória.*

*Vitória que todas as armas do mundo
jamais conseguirão obter,
porque é uma vitória que surge da paz
e não do ressentimento.*

*É certo que irás encontrar situações
tempestuosas novamente,
mas haverá de ver sempre
o lado bom da chuva que cai
e não a faceta do raio que destrói.*

Tu és jovem.

*Atender a quem te chama é belo,
lutar por quem te rejeita
é quase chegar a perfeição.
A juventude precisa de sonhos
e se nutrir de lembranças,
assim como o leito dos rios
precisa da água que rola
e o coração necessita de afeto.
Não faças do amanhã
o sinônimo de nunca,
nem o ontem te seja o mesmo
que nunca mais.
Teus passos ficaram.
Olhes para trás...
mas vá em frente
pois há muitos que precisam
que chegues para poderem seguir-te.*

(Autoria atribuída a Charles Chaplin)

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
Rosita Saupe	

APRENDENDO COM OLGA: UMA TRAJETÓRIA DE ENGAJAMENTO INSTITUCIONAL.....	11
Miriam Pillar Grossi	

APRESENTAÇÃO	14
Olga Regina Zígelli Garcia	

NASCIMENTO, FAMÍLIA, EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL 16

Vestibular, escolha profissional e a graduação em enfermagem	23
O ingresso no mercado de trabalho como enfermeira.....	25
O ingresso e a práxis como professora efetiva na Universidade Federal de Santa Catarina	26
Mestrado, perda da mãe, maternidade	28
A aproximação com os estudos da sexualidade	33
Doutorado: ingresso no campo das Ciências Humanas e Estudos Interdisciplinares.....	36
A criação da disciplina “Corpo, gênero e sexualidade” no Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC	39

A SALA DE AULA: DE ENFERMEIRA À PROFESSORA

Ensino de graduação.....	43
Ensino de pós-graduação	49
Orientações	54

PRODUZINDO CONHECIMENTO: A INSERÇÃO NA PESQUISA.....	59
SOCIALIZANDO CONHECIMENTO: as publicações.....	71
SAINDO DOS MUROS DA UNIVERSIDADE: a extensão.....	79
Os aprendizados.....	81
COLABORANDO COM OS BASTIDORES DA UNIVERSIDADE.....	91
O nascimento do Interfases.....	94
Ampliando horizontes: a experiência na Administração Central da Universidade.....	101
Coordenadoria de diversidade sexual e enfrentamento da violência de gênero da UFSC – o reconhecimento da trajetória nos estudos da sexualidade.....	108
O desafio de coordenar um espaço multiuso durante a pandemia de COVID-19.....	113
Estabelecendo parcerias: aprendendo e ensinando nos “Cursos de Formação em Gênero e Diversidade na Escola”.....	115
A ÚLTIMA AULA DE UMA ETAPA DE FORMAÇÃO: AS BANCAS EXAMINADORAS	120
O RECONHECIMENTO DA PRÁXIS DOCENTE PELOS ESTUDANTES.....	122
PARA ALÉM DE SÓ DAR AULAS – O TRABALHO DOCENTE.....	124
“ENQUANTO A PESQUISA É INTERMINÁVEL, UM TEXTO DEVE TER UM FIM” – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
FRAGMENTOS DE MINHA HISTÓRIA NA UFSC/CCS.....	137

PREFÁCIO



Olga e eu temos histórias de vida muito diferentes. Ela nasceu em berço de ouro (palavras dela), em família culta. Eu, filha de um metalúrgico e uma dona de casa semialfabetizada. Fui a primeira pessoa, entre todos os meus ancestrais e contemporâneos, a cursar universidade e só a universidade poderia possibilitar nosso encontro: Olga como aluna, eu como professora.

Olga sempre foi bonita, elegante, perfumada e alegre. Integrou o primeiro grupo de alunos a fazer estágio no HU-UFSC, quando eu estava como primeira Diretora de Enfermagem do referido Hospital. Esperávamos esses alunos com muita ansiedade: como reagiriam à metodologia inovadora que estávamos implantando? Por ter origem social diferenciada, sempre senti uma certa desconfiança dos professores em relação à Olga... ela daria conta dos muitos desafios da profissão? E estou viva para afirmar: deu conta e se salientou pelo estudo, desempenho, relacionamento com a equipe.

Olga tem um lado de muita coragem revolucionária. Eu, em nenhum dos cursos que frequentei, desde a gra-

duação até o doutorado, tive uma única aula sobre sexualidade e muito menos sobre diversidade sexual.

Estive presente na apresentação da dissertação de Olga. Auditório lotado! Olga tranquila, segura... Quando encontrei com meu marido naquele dia (professor de Engenharia Química), ele contou que uma dissertação sobre orgasmo feminino tinha sido o assunto dos professores do departamento dele (machismo e ironia não devem ter faltado). Acho que foi o assunto da Universidade, naquele dia... Olguinha fez história e posso confirmar, ao ler seu Memorial, que nunca mais se afastou do tema, expandindo seu arco de atuação e compromisso.

Quero concluir, não por falta de lembranças, mas para não desinteressar qualquer possível leitor. As mudanças nos costumes são as mais difíceis. Levam muito tempo. Precisam de lideranças criativas e movimentos organizados. Não é uma boa política criticar ou desmerecer quem pensa diferente. É preciso convencer pelos argumentos. Que Olga continue tendo muito sucesso em suas iniciativas!



Rosita Saupe

Professora Aposentada
do Departamento de
Enfermagem da Universidade
Federal de Santa Catarina

APRENDENDO COM OLGA: uma trajetória de engajamento institucional



É com alegria que publicamos, com este volume, uma nova coleção editorial da Rede NIGS. Olga Regina Zigelli Garcia é professora titular do Departamento de Enfermagem da UFSC, ex-doutoranda do PPGICH e parceira de longa data de projetos de formação de estudantes e docentes nas áreas de gênero e sexualidades com o NIGS e Instituto de Estudos de Gênero da UFSC. Este livro traz uma versão ampliada e revisada de seu memorial de concurso público de professora titular, defendido brilhantemente em 2021. O livro traz uma importante reflexão sobre sua trajetória de vida e se constitui, para além de sua história pessoal, no espelho de uma geração que, apesar de ter sido criada durante um período de ditadura, construiu seu lugar no mundo lutando pela liberdade e contra as desigualdades.

Olga começa nos contando como foi sua educação em uma família de classe média alta na Florianópolis dos anos 1960 e como, em seu cotidiano de menina privile-

giada, foi percebendo as injustiças sociais. Desta percepção e incômodo inicial de sua trajetória Olga construiu sua história na UFSC. Primeiro como estudante e depois como professora pesquisadora no curso de Enfermagem. Seu relato de vida institucional mostra seu engajamento total com a universidade na qual foi formada e formou inúmeras gerações. Impressiona a clareza com que Olga retrata cada etapa de sua vida profissional: seu interesse pelo campo da saúde da mulher que a acompanha até hoje no acompanhamento de turmas de estágio; a descoberta dos estudos da sexualidade feminina e a criação de um novo campo de ação na Enfermagem; o compromisso com sua própria formação enquanto professora na graduação, na extensão e na pós-graduação; os momentos em que decidiu fazer mestrado e doutorado e as descobertas que cada uma destas formações trouxe para sua prática acadêmica; a liderança que ocupou à frente do curso de formação Gênero e Diversidade na Escola; seu engajamento com a gestão universitária na coordenação do curso de Enfermagem e na Pró-Reitoria de Graduação e na Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento à violência de gênero; seu compromisso com o Instituto de Estudos de Gênero e a coordenação do Espaço Cultural Gênero e Diversidades e inúmeras outras atividades que desenvolveu em quatro décadas na UFSC.

Respondendo ironicamente à pergunta que seguidamente escuta: “Tu trabalhas ou só dá aula?”, Olga nos dá

uma aula magna sobre o que significou, para as gerações que ajudaram a construir as universidades públicas, viver integralmente a carreira de professora universitária que é ser, de forma entrelaçada, docente, gestora, pesquisadora, orientadora, conselheira, companheira, etc. Olga nos ensina com seu relato apaixonado, que ser professora em uma universidade pública é estar integralmente comprometida com uma sociedade mais justa e igualitária. Mostra que a vida docente na UFSC nos obriga a sermos acadêmicas ativistas nas dimensões teóricas e práticas. Seu livro tem uma dupla dimensão: põe em evidência a face pública de nosso trabalho e desvela a face oculta desta carreira, se tornando assim também um documento em defesa das universidades públicas que estão neste momento fortemente ameaçadas, tanto economicamente quanto em sua dimensão crítica e criativa. Por tudo isso recomendo vivamente a leitura deste livro pois é tanto uma defesa da universidade pública quanto um guia para quem deseja se aventurar pelos caminhos da docência universitária.



Miriam Pillar Grossi

Professora Titular do
Departamento de
Antropologia da Universidade
Federal de Santa Catarina

APRESENTAÇÃO



Em minha experiência de 40 anos de atuação no magistério superior, como professora do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por várias vezes ouvi a pergunta a mim ou a outros colegas dirigida: *“Você trabalha ou só dá aula?”*

Confesso que minha reação a esse tipo de questionamento variou com o passar dos anos (tanto de idade cronológica, como de experiência na docência), indo desde a mais absoluta indignação até o famoso *“deixa pra lá...nem vale à pena tentar explicar”*.

Em maio de 2021, apresentei o memorial descritivo de minhas atividades de quarenta anos de docência na UFSC para uma banca examinadora a fim de obter minha progressão funcional para professora titular na carreira do magistério superior. Revisitar 40 anos de uma trajetória no magistério superior não foi tarefa fácil pois no transcorrer de tantos anos muitos documentos se perderam pelo caminho e só me restou buscar na memória as experiências vivenciadas.

Ao rememorar minhas vivências enquanto docente sob regime de dedicação exclusiva na UFSC percebi o quanto trabalhei nestes 40 anos, seguramente no imaginário coletivo de muitas pessoas “*só dando aulas*”. A constatação do imenso volume de trabalho por mim executado neste tempo – somada à indignação frente aos ataques que às universidades, em especial as públicas, vêm sofrendo ultimamente no cenário político brasileiro – me levou a escrever este livro de memórias de minha trajetória como docente com dois objetivos: o primeiro, auxiliar professores/as recém-ingressos/as nesta linda e exigente carreira na reflexão sobre sua práxis, e o segundo, socializar para o maior número de pessoas possível as múltiplas atividades inerentes à carreira que, por sua vez, extrapolam em muito o “*somente dar aulas*”.

Descrevendo e refletindo sobre minha trajetória nesses quarenta anos, com alguns registros fotográficos de meu acervo pessoal, espero que este livro contribua para o esclarecimento da população na esperança de que, a cada dia, mais e mais pessoas se aliem na defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade como um princípio coletivo e de direito de todos/as.



Olga Regina Zigelli Garcia

NASCIMENTO, FAMÍLIA, EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL



Nasci em 1959, em Florianópolis, na Maternidade Dr. Carlos Corrêa. Sou, portanto, uma legítima “manezinha” da ilha e a mais velha de três irmãos. Eu, atualmente com 62 anos, meu irmão Pedro, com 61 e, a caçula, Andréa, com 58. De meu pai (de origem italiana), trago a marca indelével dos gestos, a sonoridade, a musicalidade, o apreço pelo toque, o senso de humor, a generosidade, o amor pela casa, pelos animais, pela comida, pela família e pelo trabalho e, claro, a paixão pela área da saúde como campo de atuação profissional. De minha mãe (de origem alemã), trago com orgulho o apreço pelos sentimentos, a pontualidade, o compromisso, a paixão pelos livros,

o romantismo, a valorização do trabalho intelectual, das normas e da emancipação feminina. Poderia citar essas mesmas características que me compõem como desafiadoras em diversos contextos e até mesmo pontuar algumas de suas impertinências, mas as acolho com carinho e penso que essa mistura é uma espécie de instrumento que, em um equilíbrio dinâmico, formou o alicerce sobre o qual desenvolvi as minhas próprias, constituindo a pessoa que sou.

Meu pai, Walmor Zomer Garcia, nascido e criado em Florianópolis (SC), era médico Tocoginecologista – CRM 03 da cidade e minha mãe, Gertrudes Zigelli Garcia, nascida e criada em Joaçaba (SC), era professora e, até casar com meu pai, foi a primeira extensionista rural de Santa Catarina – uma intelectual e mulher à frente de seu tempo. A ela cabia o cuidado da casa e dos filhos, uma vez que, ao se casar com meu pai, deixou de trabalhar para ser somente “do lar”.

Cresci e me criei em uma família que sempre considerei (e continuo considerando) perfeita. Nunca soube o que era passar dificuldade – tínhamos três empregadas domésticas em casa (uma governanta, uma faxineira e outra cozinheira). Não obstante, sabiamente minha mãe delegava a mim, como irmã mais velha, compromissos da ordem de: arrumar a própria cama e cozinhar uma vez por semana (*“eu posso pagar, tu no futuro não sei se vais*

poder, então tens que aprender como fazer. Quem não sabe fazer, não sabe supervisionar”, dizia ela).

Desde jovem me incomodava a desigualdade social, acho que até porque eu a vivenciava na prática. Nossa casa tinha dois andares. Morávamos no andar de cima e no andar de baixo morava a governanta, com seu marido e seus dois filhos um pouco mais novos que meus irmãos e eu. Por mais que minha mãe desse a eles, por exemplo, presentes de natal, eu percebia que os brinquedos que recebíamos, eu e meus irmãos, eram melhores e também numericamente maiores. Eu e meus irmãos estudávamos em escolas particulares e os filhos da governanta em escolas públicas. Nós tínhamos motorista particular para nos levar à escola (o pai deles), enquanto eles iam de ônibus. Essa desigualdade me incomodava e por muitas vezes me pus a pensar: como será que essas crianças vivenciam essas diferenças? Esse contexto fez com que, desde muito cedo eu, ao perceber a desigualdade social entre as pessoas, tivesse, ainda que criança, consciência de meus privilégios. Ademais, por entender que estudar e ser boa aluna era a contrapartida mínima que eu deveria dar a meus pais por investirem em minha educação, sempre fui aluna exemplar.

COMUNICATIVAS	FREQUÊNCIA				ATITUDES INDIVIDUAIS								SOCIAIS			
	PRESENÇA	FALTAS	COMPANHIA	DESEMPENHO	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
- Progressivo	MARÇO	-	-	24	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
	ABRIL	-	-	24	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
- Satisfatório	MAIO	-	-	26	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
	JUNHO	-	-	24	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
- Preços de auxílio	AGOSTO	-	-	25	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
	SETEMBRO	-	-	24	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
	OUTUBRO	-	-	25	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
	NOVEMBRO	-	-	22	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12

COMUNICATIVAS	LEITURA				MATEMÁTICA												CIÊNCIAS											
	1	2	3	4	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Apr - Abril	S	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Maio - Maio	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Junho - Junho	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Setembro - Setembro	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Outubro - Outubro	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Novembro - Novembro	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P

Assinatura dos Pais: Hebeidei Z. Garcia
Hebeidei Garcia

Minha querida, querida doutora Olga Regina

Desde há muito tempo, eu exaltava muito aquela que logo me conquistou. Vieste como o Pequeno Príncipe se encantou com a flor, eu me encantei com ela... Era muito bonita. Seus cabelos eram lindos: longos e redondos, e a "ciguinha" dela não era apenas bonita, mas muito inteligente e esportista. Eu sempre soube que seu futuro seria brilhante.

Quando havia festas e "vivas", viva fulano, viva fulana, ela sempre acrescentava: - "e viva o 'Vilão' Lombardi". Era um programa de rádio que havia na época de um casal muito querido, chamado Maricela e Vilão.

E quando a "dona Ana" se exercitava em fazer material didático para motivar as crianças e explicar matéria nova, como o numeral dez, por exemplo, em que se põe a bola com dez bolinhas, dez quadros, dez bolinhas, dez desenhos e "mil dez", a minha futura doutora já chegava, olhava e logo dizia: - tudo isso é para ensinar o número dez? Como as outras não "fizeram", eu dizia: - Não, Olga. É a história de uma família chamada dezina...

Como elas viva! Me lembro ainda de muitas outras histórias, como a de processo do Senhor dos Passos, de "matar um bicho" (que era o Espirito Amém) e muitas outras, que um dia lembrarei nos futuros.

Mas hoje este meu beirãozinho em flor se tornou uma linda rosa. E eu, tua primeira professora, me

sempre amiga, te despi de toda conexão, que como estas rosas, vivas sempre para embalar, perfumar e alegrar a todos que te rodeiam, especialmente aos queridos amigos e dedicados pais, a quem tudo deve. Que Deus abençoe tua sonhos, tua esperanças, teus anseios, assim como tuas aspirações, esperanças e ideais futuros. Que te de sempre uma esperança firme e uma vontade perfeita, para que consigas fazer sempre tudo o que estiver ao teu poder, para manter e elevar os ideais de tua profissão.

E que ao despertar de cada dia, te domine um novo entusiasmo, para que cada novo amanhecer seja um continuo sim, numa vida consciente.

Com os meus pensamentos, sentimentos e tua querida pais e irmãos. Teus

Da tua sempre "dona Ana", Elvize,
 Elias e Dalva

19-12-80.

Boletim do Colégio Carta recebida da primeira professora por ocasião da formatura.

O primeiro fato marcante de minha vida, que faz sentido registrar para o objetivo deste livro de memórias, foi a realização de uma apendicectomia (retirada do apêndice), à qual fui submetida aos seis anos de idade. Recordo como se fosse hoje e acredito que foi naquele episódio que me apaixonei pela enfermagem. Lembro-me de uma moça de branco (tal qual meu pai se vestia) que cuidava de mim todos os dias, trocava meu curativo, me ajudava no banho, caminhava comigo pelos corredores da maternidade Dr. Carlos Corrêa, onde fui operada. Seu nome era Tucs. Quando perguntei para meu pai se ela era médica também, ele me respondeu: “*não filha, ela é enfermeira!*”. Foi a primeira vez que ouvi essa palavra e foi o meu primeiro contato com a profissão.

Caminhando um pouco mais na linha do tempo, lembro que em toda minha escolarização tive minha mãe ao meu lado, estudando comigo e me ensinando a ler e a escrever. Não, eu não tenho facilidade “inata” para escrever: fui treinada para isso! Recordo que minha mãe colocava dois ou três objetos sobre a mesa, pedia que eu os descrevesse individualmente e depois solicitava que eu escrevesse uma redação associando os objetos. Ela também me passava leituras. Eu tinha uma semana para ler e depois resumir por escrito a história. O papel de ensinar técnicas de redação e cobrar leituras era dividido entre minha mãe e meu tio, seu irmão, o jornalista Adolfo

Zigelli. Na realidade, ele era um segundo pai para meus irmãos e eu, já que meu pai vivia atarefado dividindo seu tempo entre o consultório, a universidade e os intermináveis plantões.

Na minha adolescência filmes antigos passavam na “Sessão da Tarde” da TV e sempre os assistia com minha mãe. Professora normalista que tinha sido, me ensinava o contexto do lançamento das películas e me obrigava a assistir aos “clássicos”, como por exemplo: *O morro dos ventos uivantes*; *Madame Butterfly*; *São Francisco — Cidade do pecado*; *Um homem e uma mulher*; *Candelabro Italiano*; entre tantos outros. Quanto aos livros, li, ainda na adolescência, toda a coleção de Machado de Assis; José de Alencar; Monteiro Lobato (que tínhamos em casa), não sem antes estreiar no mundo da leitura com *Crime e Castigo* de Dostoiévski – leitura difícil e pesada para uma adolescente da época.

Quanto às leituras – e outros artefatos culturais como o cinema, que já mencionei – com ela aprendi que não basta ler uma obra, temos que procurar conhecer a biografia do autor/autora para entender o lugar de onde fala. Assim, ela me pedia, por exemplo, que buscasse observar como Machado de Assis, de origem humilde, trazia em suas narrativas uma descrição mais detalhada e “encantada” das riquezas, das roupas, dos ornamentos, entre outros, pertencentes a um mundo no qual não cresceu,

diferentemente de José de Alencar. Quanto ao cinema, depois de assistir aos filmes, tinha uma aula de história sobre o que havíamos visto e, terminada a “aula”, eu deveria pesquisar sobre as suas histórias nas enciclopédias Barsa, Delta Junior e ou Delta-Larousse, que tínhamos em casa.

Agradeço muito à minha mãe o incentivo constante para que eu investisse em meu capital cultural. Ela dizia que uma mulher, assim como o homem, tinha que ter cultura geral e estar apta a participar de todo tipo de roda de conversa, não ficando restrita a assuntos na época destinados às mulheres: casa, filhos e cozinha. Sem dúvida minha mãe estava à frente de seu tempo e me auxiliou a ser/estar no mundo até hoje.

Além de médico, meu pai era também professor e um dos fundadores do Curso de Medicina da UFSC. Como professor, sempre que preparava uma aula eu era a “plateia”, ou seja, ele treinava a aula e eu era a “aluna”. Então, apaixonada por meu pai que sempre fui, desde cedo eu amava brincar de professora. Tinha um quadro negro, uma carteira, giz (que ganhei de presente de Natal) e quase diariamente dava aulas para alunos e alunas imaginários e amava fazer aquilo.

Vestibular, escolha profissional e a graduação em enfermagem

Os anos se passaram e, com a chegada do vestibular, o momento da escolha da profissão foi inevitável. Havia certa pressão familiar para que eu seguisse a carreira de meu pai e fizesse vestibular para medicina, mas na hora da inscrição a figura da Tucs – a enfermeira que cuidou de mim na infância – fez-se de tal forma presente na minha memória afetiva que não tive dúvidas quanto à escolha: eu queria ser enfermeira! Fiz a inscrição e passei no primeiro vestibular para orgulho de meus pais que, por sinal, sempre tiveram orgulho da minha profissão e me apoiaram em minhas decisões.

Ingressei no Curso de Graduação em Enfermagem em 1977, aos 18 anos e me formei em 1980 aos 21 anos (naquela época o curso era de três anos e meio). Durante a trajetória de minha formação, sempre que possível, acompanhava os plantões de meu pai onde aprendi a fazer parto (foram tantos que não saberia contar quantos fiz, sempre com supervisão dele) e fui me apaixonando pela área da saúde da mulher. Nessa área do saber, também fui inspirada pelo corpo docente do Curso de Enfermagem, e destaco como encantaram-me a competência e o conhecimento das professoras de obstetrícia Leonita Seibel, Lorena Machado e Silva e Ana W. Batista da Silva,

o que fez com que elas se tornassem para mim o espelho da profissional enfermeira que eu queria me tornar.

Minhas fontes de inspiração não terminavam aí. Uma professora em especial foi meu paradigma de docente ideal, a profa. Rosita Saupe. Sua didática me cativou desde que a conheci. Assistia encantada às suas aulas e, quando dei por mim, a Olga que brincava de dar aula para alunos imaginários na infância via agora a possibilidade concreta de tornar realidade sua fantasia infantil. Estabeleci, então, uma meta: *“um dia vou ser como ela: vou ser professora do curso de enfermagem da UFSC e ensinar como ela ensina!”*. Professora Rosita só soube de sua importância no “nascimento” da Olga professora de enfermagem às vésperas da defesa de meu memorial, quando o encaminhei para ela com esta homenagem que aqui presto. Lembro-me de que ela foi a única professora para a qual, ainda como aluna, falei do meu desejo secreto de dar aula na enfermagem e lembro de sua resposta: *“Se é o seu desejo estude e conseguirá realizar seu sonho”*. Registro aqui, portanto, minha eterna admiração e gratidão a essa querida professora que trago guardada em meu coração.

O ingresso no mercado de trabalho como enfermeira

Formada no Curso de Enfermagem, busquei por um curso de especialização em Enfermagem Obstétrica, porém não havia na época e, sem emprego imediato, para não ficar parada, cursei a Especialização em Enfermagem do Trabalho. Tendo em vista que o curso era no período noturno, tinha manhã e tarde disponíveis. Em maio daquele mesmo ano recebi um convite para ser professora substituta (horista na época) por um mês na disciplina de Enfermagem na Saúde da Mulher do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC. O convite foi aceito com alegria imensa no coração, pois era a oportunidade de realizar dois sonhos: ser enfermeira e professora do Curso de Graduação em Enfermagem. Findado o contrato, para não ficar “parada” durante o dia, fui trabalhar como enfermeira voluntária no então recém-inaugurado Banco de Leite da Maternidade Carmela Dutra, onde permaneci por seis meses. Deixei de realizar tal atividade por ter recebido convite para trabalhar como enfermeira no Hospital Governador Celso Ramos (um hospital geral), em um emprego fixo e, no entendimento que tinha naquela época, permanente.

Assumi, então, o cargo de enfermeira no referido hospital. Como pré-requisito para enfermeiras recém con-

tratadas, nos três primeiros meses acontecia a educação continuada, quando eram realizados “estágios” em todos os setores do hospital. Em uma de minhas passagens pela Unidade de Terapia Intensiva (UTI), conheci a enfermeira Sueli, com quem trocava várias ideias diariamente. Neste ínterim, abriu concurso para professor efetivo no Departamento de Enfermagem (três vagas) e contei para Sueli que eu estava muito dividida porque amava ambos: docência e assistência. Ela então me respondeu: *“menina, não pense duas vezes, você já se imaginou aqui diariamente, chegando em casa morta de cansada? Vá por mim: faça o concurso e seja professora de enfermagem, sua vida particular vai ser muito mais preservada, com muito mais tempo para dedicar à sua futura família.”*

O ingresso e a práxis como professora efetiva na Universidade Federal de Santa Catarina

Inspirada pelas palavras de Sueli, inscrevi-me no concurso. Eram 40 candidatos/as e eu achava que não tinha chance visto que era uma das poucas que ainda não tinha mestrado, motivo pelo qual fiquei completamente imersa nos estudos para a seleção. Lembro até hoje os pontos da prova escrita – *“Assistência de enfermagem na morte e no morrer segundo Elisabeth Kubler-Ross”* – e da

prova didática – *Assistência de enfermagem ao indivíduo com dificuldade de deglutição por tentativa de suicídio, por ingestão de soda cáustica*. Estudei muito para as provas e acabei sendo aprovada em primeiro lugar no concurso. Seguindo o conselho de Suely, pedi demissão no hospital e, em março de 1982, assumi como professora efetiva do Departamento de Enfermagem da UFSC, atuando na área da saúde da mulher.

Impossível registrar a minha alegria e emoção ao passar no concurso e, melhor ainda, saber que eu iria atuar na área da saúde da mulher, nos campos de Atenção Primária (Centro de Saúde) e Puerpério (Pós-parto na Maternidade)! Meu curso de graduação em enfermagem foi bacharelado, não tendo licenciatura. Neste sentido digo que dormi enfermeira e acordei professora. Em minha curta experiência de 30 dias como professora substituta, só me coube ministrar algumas aulas teóricas e supervisionar estágios na área da saúde da mulher. Sendo assim, ao ingressar como professora efetiva na UFSC, imaginei que minhas atividades orbitariam em torno de aulas teóricas e supervisão de estágios. Ledo engano!

Aos poucos fui aprendendo que ministrar aulas (e supervisionar estágios, no caso da enfermagem) é apenas uma das pontas do tripé sobre o qual se constitui a universidade pública – O Ensino. Todavia, nem só de ensino é feita a universidade. Suas ações estão sustentadas no

mencionado tripé: Ensino-Pesquisa-Extensão, permeados pela Administração. Mas como fazer pesquisa? O que exatamente significava a extensão? Esses foram aprendizados que fui tendo na prática, estudando, perguntando, buscando informações. Vale lembrar que meu ingresso como professora efetiva na UFSC se deu em 1982. Não existia nem internet (que, na verdade, se consolidou apenas depois da metade da década de 1990), nem a facilidade de acesso à informação dos dias atuais.

No cenário que se traçou então, parti do pressuposto de que era necessário que eu ganhasse um pouco de experiência no ensino de graduação, buscando, paralelamente, aprender como trabalhar com pesquisa e extensão. E assim o fiz, detendo-me no ensino na graduação até 1987.

Mestrado, perda da mãe, maternidade

No final de 1987 julguei que era chegada a hora de buscar instrumentos para me tornar pesquisadora, o que me levou a fazer a seleção para Mestrado em Enfermagem do Programa de Pós- Graduação em Enfermagem da UFSC, nele tendo ingressado em 1988. No transcorrer do mestrado, em 1988, minha mãe foi diagnosticada com câncer de mama e eu usei o semestre em que tinha direito a afastamento para escrita da dissertação para cuidar dela integralmente afinal de que valeria ser enfermei-

ra se eu negasse o cuidado à mulher mais importante da minha vida?

Meu coração sempre soube que foi uma decisão acertada, porque ela veio a falecer em abril de 1989, cercada de cuidado, carinho, afeto e amor. Amor este que, aos prantos, registrei em minha agenda, quando estava como acompanhante em sua última internação. Dois dias antes de sua partida e escrevi:

10 de abril de 1989 Segunda-Feira

Estou aqui sentada ao lado de minha mãe.

A cadeira é dura e desconfortável, mas quase não a sinto.

Vejo deitada, minha mãe, a bem da verdade, fisicamente sombra do que foi um dia.

Careca, face encovada, sudorese intensa.

No nariz, um cateter de oxigênio que me pede para tirar.

No braço esquerdo, soro glicosado com aminofilina.

Respiração superficial, dispnéica.

O peito balança e tenho a impressão de que o arcabouço costal vai desmontar a cada movimento respiratório.

Olhar vago, expressão infantil no rosto.

Parece-me uma criança pedindo socorro.

A expressão angustiante no olhar me diz a cada momento: me ajude! Dói! Dói muito!

Procura a minha mão com a sua. Eu então a seguro na esperança de passar conforto e amor.

A dor que sinto não consigo explicar. Só sei dizer que dilacera o meu ser!

Vê-la sofrer me dói muito e a sensação de impotência corrói a alma, inquieta o espírito.

Minha garganta apertada. São lágrimas que teimo em não deixar cair.

No entanto elas rolam e sinto o seu sal em minha boca.

Sabe mãezinha, eu daria a minha vida pra você ficar!

Não consigo mais deter as lágrimas e elas caem aos borbotões.

Olho novamente este esqueleto amorfo. É minha mãe!

A mulher que eu amo e que é o meu ponto de referência!

A mulher que sofreu tanto e que eu tanto quis ver feliz!

Sinto a morte rondar.

Oh Deus como eu a odeio!

Por que ela tinha que vir desta maneira?

Por que minha mãe?

Por que não eu?

Lembro-me de uma canção: “eu hoje estou tão triste, eu precisava tanto conversar com Deus. Falar de meus problemas, também lhe confessar tantos segredos meus”.

A dispnéia cede. Efeito do oxigênio e da aminofilina.

A sudorese diminuiu.

São 11:30 da noite.

Parece que por algumas horas ela vai ter um pouco de paz.

Seguro sua mão e beijo-lhe a face.

É um beijo de boa noite.

Durma bem mãezinha, que eu, sua filha, estou aqui rezando por você e zelando por seu sono.



Ainda com o coração dilacerado em pedaços, em agosto do mesmo ano me tornei mãe de Bruno, meu único e amado filho.

A maternidade foi um bálsamo para a dor da orfandade. Os cuidados que um recém-nascido requer faziam-me esquecer um pouco a dor da ausência e me concentrar na nova vida que se iniciava. Uma experiência maravilhosa, mas que, terminada a licença maternidade, me trouxe um novo dilema: como conciliar maternidade e trabalho? Passei, então, a conviver com o amor pelo trabalho e o sentimento de não dar para meu filho toda atenção que julgava que uma criança merece.

Digo mais: a maternidade, para mulheres trabalhadoras, inegavelmente gera uma sobrecarga de trabalho invisibilizada, e pesquisas¹ vêm demonstrando que as mulheres trabalham 7,5 horas a mais que os homens. Mais de 90% das mulheres declaram fazer tarefas domésticas, enquanto, no caso dos homens, apenas 50%. Comigo não foi diferente e pude sentir “na pele” o aumento de minhas responsabilidades e a sobrecarga de trabalho.

¹ Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526. Acesso em 10 de junho de 2021.

Lembro aqui que o trabalho docente não se encerra no horário comercial. Geralmente trazemos trabalho (e muito) para casa, o que acaba subtraindo as horas de lazer e convívio familiar, seja após o expediente, seja aos finais de semana. Nesse contexto, a maternidade acaba gerando um sobretrabalho e, no meu caso, um sentimento de culpa por não ter tanto tempo livre para meu filho, mesmo estando em casa, uma vez que sempre havia trabalho da UFSC para realizar.

Por outro lado, quero aqui destacar que ser professora mãe modificou minha percepção sobre os/as alunos/as, interferindo positivamente em minha relação com eles/as no processo ensino/aprendizagem, uma vez que quando meu filho se tornou “adultescente” eu consegui compreender melhor o mundo e o contexto dos/as jovens com quem eu interagia na graduação.

A aproximação com os estudos da sexualidade

Voltando agora ao relato de meu mestrado. Por trabalhar na área da saúde da mulher, durante as consultas de enfermagem de preventivo de câncer uterino ouvia frequentemente queixas das mulheres que eram por mim e minhas alunas atendidas na assistência primária. Tais dúvidas eram, em sua maioria, relativas à sexualidade e

mais: elas pediam ajuda, orientação. Eu não tinha conhecimento científico que respaldasse minha atuação nessa temática. Buscando suprir a lacuna vivenciada e percebida na relação entre sexualidade e saúde da mulher, em especial na enfermagem, resolvi ingressar no campo dos estudos da sexualidade.

Assim, minha dissertação de mestrado versou sobre orgasmo feminino. No dia da defesa, o auditório estava absolutamente lotado, com várias pessoas em pé, pois era um tema inédito na enfermagem catarinense.



Defesa de Dissertação de Mestrado.

Aprofundar-me nos estudos da sexualidade dentro da enfermagem foi, acima de tudo, um exercício de resistência, pois como bem frisou a antropóloga Carole Vance, no clássico *A antropologia redescobre a sexualidade*:

*um comentário teórico*², ainda há, na academia, a opinião geral de que a sexualidade, enquanto área do saber, não é inteiramente legítima, o que faz com que sejam lançadas dúvidas sobre a própria pesquisa, seus motivos e até sobre o caráter e idoneidade de quem pesquisa temas concernentes à sexualidade humana. Foi exatamente o que aconteceu comigo! Mas isso não me desanimou, pelo contrário: apesar de desacreditada no início, persisti em meu objetivo, pois, durante os atendimentos com foco na sexualidade que realizava no projeto de extensão – como veremos, criado por mim após o mestrado – percebia a diferença que promoviam na vida das pessoas que buscavam ajuda nesta área do viver humano.

Constatando que meu “novo conhecimento” atendia às necessidades de saúde (no campo da sexualidade) da população e, em especial das mulheres que buscavam atendimento em ginecologia e/ou obstetrícia, achei que esse saber deveria ser socializado com os/as graduandos/as a fim de que prestassem uma assistência de melhor qualidade, instrumentalizados/as pela área de conhecimento. No currículo do curso de graduação em enfermagem daquela época era ensinado aos/às estudantes apenas o processo de reprodução e o ciclo da maternidade e a se-

² VANCE, C. A Antropologia Redescobre A Sexualidade: Um Comentário Teórico, **Physis — Revista De Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1. Rio de Janeiro, 1995.

xualidade, quando aparecia, estava associada às doenças, em especial as Infecções Sexualmente Transmissíveis, de acordo com o modelo médico tradicional, sem que fossem abordados os conhecimentos acerca da sexualidade nas áreas cognitiva, comportamental e afetiva.

Tal fato gerava uma lacuna na assistência de enfermagem, pois não respondia às reais necessidades das pessoas que buscavam o cuidado. Ciente desse déficit, consegui, em acordo com minhas colegas da disciplina de Saúde da Mulher, introduzir 2 horas/aula (de um total de mais de 400 horas no semestre) destinadas à sexualidade, nas quais eu abordava o tema de Resposta Sexual Humana. Essa dinâmica curricular permaneceu até 2004.

Doutorado: ingresso no campo das Ciências Humanas e Estudos Interdisciplinares

Em 2003, seis anos após concluir o mestrado, julguei que era tempo de buscar o doutorado. Esse intervalo de tempo entre as modalidades, a princípio visto como “muito grande”, foi o tempo em que me permiti a “maternagem”, pois sempre primei por cumprir com minhas obrigações e, nesse sentido, não conseguiria conciliar a maternidade com a dedicação e nível de qualidade demandada por um doutorado, com o nível de exigência

que lhe é peculiar. Ao buscar uma área para o doutoramento, optei novamente por procurar suprir uma lacuna que me incomodava ao vivenciar minhas intervenções e palestras na temática da sexualidade: a visão biologicista e cisheteronormativa³ que eu tinha. Pensei na possibilidade de estudar no exterior, mas essa se mostrava inviável, uma vez que, por ter me divorciado, eu era (e continuo sendo) “mãe solo”, sem rede de apoio, o que me obrigava a buscar doutoramento apenas em Florianópolis. Que área poderia suprir minhas necessidades de atuação? Estudando todas as possibilidades na UFSC, optei por fazer a seleção para o Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, tendo sido aprovada e ingressando na linha de Estudos de gênero.

Esta acabou sendo uma das minhas melhores escolhas, pois entrar no campo das Ciências Humanas foi um divisor de águas em minha vida, nas esferas profissional

³ Conceito que faz referência a um conjunto de relações de poder que normaliza, regulamenta, idealiza e institucionaliza o gênero, sexo e a sexualidade, tendo-se que só é reconhecido como normal o par binário homem-mulher que são complementares entre si, sendo, portanto, o relacionamento afetivo-sexual entre ambos socialmente aceito como normal. Tudo que foge do binômio é considerado desviante ou anormal. Nessa linha de pensamento, pessoas CIS (contração de “cisgêneras”) são aquelas cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Por exemplo, alguém que se identifica como mulher e foi designada como mulher ao nascer é uma mulher cisgênera. O termo cisgênero é o oposto da palavra transgênero.

e pessoal. Cursar o Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas me proporcionou um grande crescimento e desenvolvimento no campo cognitivo, da percepção, das ideias, das possibilidades do conhecimento, do saber. Foi como ganhar novas lentes para ler o mundo. Ao ingressar no mundo dos estudos interdisciplinares, pude aprender que a interdisciplinaridade vai muito além da pluralidade e da justaposição de saberes, uma vez que evoca também um espaço comum, um fator de coesão entre áreas diferentes, tendo-se que especialistas das diversas disciplinas trabalham em um objetivo comum. Essa nova perspectiva exigiu de mim um grande esforço para adentrar um novo campo de conhecimento, com uma linguagem nova para mim, aprendendo que nenhuma ciência é proprietária exclusiva de um conhecimento, o que me proporcionou abertura de pensamento e um novo olhar, para além de mim mesma e da minha área de formação.

Costumo dizer que existem duas Olgas: aquela de antes e a que emergiu após o doutorado. Ao entrar no doutorado ingressei também no mundo arquitetônico e social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da UFSC – um mundo completamente diferente daquele em que eu me sentia tão confortável, o do Centro de Ciências da Saúde (CCS). Passei a dividir meu trabalho com esses dois mundos, ou seja, me sentia tanto pertencente ao CCS quanto ao CFH e amava o desafio de dar

o melhor de mim em ambos os universos, tão diferentes entre si.

Concluído o doutorado, passei a fazer parte, como pesquisadora, do recém criado Instituto de Estudos de Gênero (IEG), da UFSC, e também do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), criado pela profa. Miriam Grossi, aos quais pertenço até os dias atuais, participando de muitas das atividades promovidas, seja como ouvinte, seja como palestrante ou organizadora de eventos. Como representante do IEG-UFSC, fiz parte do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, CONDIM e do Conselho Estadual, CEDIM.

A criação da disciplina “Corpo, gênero e sexualidade” no Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC

Em 2004, quando estava cursando o segundo ano do doutorado, houve uma nova reforma curricular no Curso de Enfermagem da UFSC. Aquele era, para mim, o momento ideal para concretizar um sonho: a inserção da temática da sexualidade na formação do/a enfermeiro/a.

Aproveitei as reuniões para a construção da nova proposta de currículo e apresentei a proposta de inclusão de disciplina curricular obrigatória com 36 horas que

abordasse de forma interdisciplinar a temática da sexualidade, tendo como objetivos: introduzir os conceitos básicos da área de estudos de corpo, gênero e sexualidade; discutir os instrumentos teóricos e metodológicos úteis para os profissionais de enfermagem e saúde; apontar a necessidade de adequação das práticas profissionais às especificidades culturais de grupos sociais determinados quanto ao gênero e sexualidade; contribuir na formação de profissionais críticos, com relação a comportamentos e abordagens excludentes e preconceituosas quanto ao gênero e sexualidade; e, por fim, refletir criticamente sobre o papel dos profissionais de saúde ao lidar com modos de viver a sexualidade e enfrentamento dos dilemas éticos. Proposta aceita, assim nasceu a disciplina “Estudos Interdisciplinares III – Corpo, gênero e sexualidade”, de caráter obrigatório e oferecida na fase profissionalizante do curso (composição curricular que permanece até os dias atuais), sob minha coordenação. Importante destacar que o Curso de Enfermagem da UFSC é o único do Brasil a possuir uma disciplina de sexualidade obrigatória no currículo, o que é um grande diferencial para os/as enfermeiros/as dele egressos/as.

Busquei até o momento traçar uma linha do tempo de minha trajetória na UFSC, mostrando um pouco do ser humano Olga e de sua história de vida com o objetivo de auxiliar na compreensão das escolhas por mim rea-

lizadas nesses quarenta anos de magistério superior. Na sequência busco relatar de modo reflexivo um pouco de meu fazer acadêmico nas esferas de ensino, pesquisa, extensão e administração, ou seja, na minha atuação como docente sob regime de dedicação exclusiva na UFSC.

A SALA DE AULA: DE ENFERMEIRA À PROFESSORA

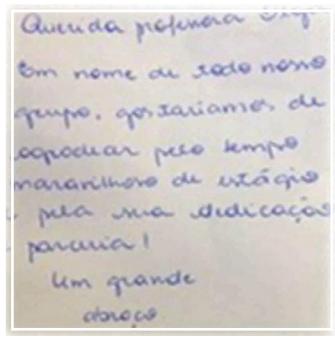


*No processo de “ensinagem”,
o professor ao entrar em sala precisa
olhar nos olhos do aluno, afinal o processo
de ensino e aprendizagem envolve muito
mais do que apenas dar aula. Envolve
enfrentar diversas realidades e a partir
delas traçar planos pedagógicos para que
o conteúdo a ser ensinado possa ser
realizado de forma efetiva de forma a
proporcionar ao aluno a curiosidade de
saber mais, incitar o poder de
procura e aprofundamento daquele conteúdo.*

(Léa da Graça Carmargos Anastasiou)

Ensino de graduação

Sempre fui apaixonada pelo ensino em nível de graduação. O desafio de, em cinco anos, auxiliar jovens, em sua maioria recém saídos do ensino médio, a tornarem-se responsáveis pelo seu aprendizado, vivenciando a produção e a construção do conhecimento e a ter postura ética e profissional, me encanta!



Desde que ingressei como professora na UFSC, ainda em 1982, nunca deixei de trabalhar no ensino de graduação. Em termos de disciplina no eixo curricular, minha atuação se deu sempre na disciplina de “Atenção à saúde da mulher”. Nela, além das aulas teóricas, os/as estudantes desenvolvem atividades teórico-práticas (estágio), com média 35 horas de práticas por campo, dividido em duas áreas: “Atenção Primária”, com atuação nas especialidades de Obstetrícia (Consultas de enfermagem em Pré-natal e Puerpério) e Ginecologia (Consultas de enfermagem em Climatério, Planejamento familiar e Preventivo de câncer cérvico-uterino e de mama); e “Atenção hospitalar”, cujas atividades são divididas em Sala de parto e Alojamento conjunto (Puerpério). Esses dois campos de atuação (pré-natal e/ou puerpério) são especiais para mim já que, além do conteúdo neles trabalhados, oportu-

nizam a ressignificação do ser mulher e todas as questões de gênero que envolvem a maternidade, a paternidade, a amamentação, a sexualidade, a humanização do cuidado, entre outros. Tenho constatado que ao dele saírem, os/as estudantes olham de maneira diferente para suas mães e para sua história de vida. É isso que amo: oportunizar, através do ensino, um repensar da vida, possibilitando o desenvolvimento enquanto ser humano.

Em relação à carga horária desenvolvida no ensino de graduação, a disciplina eixo de “Saúde da mulher” tem, em média, 120 horas por semestre de supervisão em campo prático. Excetuando-se o período em que estive afastada para exercer um cargo na Administração Central da universidade, tenho, em minha trajetória, uma média de 9.240 horas em supervisão de campo com alunos/as, que se somam com uma média de 30 horas de aulas teóricas por semestre (2310 horas), perfazendo um total de 11.550 horas.

Importante salientar que minha atuação na graduação não se deu somente na disciplina eixo de “Saúde da mulher”. Nesse sentido, atuei também nas disciplinas paralelas do currículo entre as quais cito: “Primeiros Socorros”, “Introdução à Enfermagem”, “Sociedade, Saúde e Violência” e “Corpo, Gênero e Sexualidade”, sendo que, atualmente, desde 2017 atuo somente nesta última como disciplina paralela. Em um exercício de calcular o total de

horas trabalhadas nessas disciplinas pode-se chegar a um cálculo aproximado de 800 horas, o que daria um total de 12.481 horas no ensino de graduação. Ressalto, contudo, que este é um cálculo aproximado, haja vista que em muitos semestres a carga horária real de atuação na universidade foi superior àquela oficialmente registrada.

Como professora, sempre busquei e continuo buscando uma relação dialógica, de respeito, horizontalidade e, acima de tudo, humanizada. Parto do entendimento de que não é eficaz ensinar ao/à estudante a importância da humanização no cuidado com os/as pacientes se, enquanto docentes, assim não procedermos com os/as alunos/as. Este entendimento está alicerçado em Paulo Freire⁴ quando diz “*é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que num dado momento a tua fala seja a tua prática.*” ou seja, as/os estudantes precisam ver que minha teoria condiz com minha prática, não só como enfermeira/professora, mas também como pessoa. Nesse contexto, nunca me coloquei em pedestal, nunca assumi postura de superioridade frente ao corpo discente e muito menos desdenhei de suas eventuais limitações, até porque eu tenho as minhas. Entendo que meu papel, ainda mais nos dias atuais com tanto acesso à informação, é o de ser uma **mediadora** da aprendizagem

⁴ FREIRE, P. *PEDAGOGIA DA AUTONOMIA* — saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 61.

entre aquilo que o/a estudante já sabe e o que vem a construir por meio das mediações das quais também participo e, assim como Freire disse, juntos aprendemos e ensinamos. Nesse sentido, em minha prática docente, procuro fazer com que entendam os porquês de suas ações, das prescrições, a importância de determinado conteúdo. Busco auxiliá-los/as a racionar a assistência/cuidado e não a simplesmente decorar conteúdos.

Desde cedo, em nosso processo de escolarização, não somos ensinados a estudar. Se não somos ensinados, acabamos dando igual importância a todo o conteúdo, não sabendo o que priorizar. Muitos aspectos abordados em um determinado conteúdo auxiliam na compreensão do todo mas não são essenciais. A título de exemplo: em uma aula sobre cesariana, podemos falar sobre a história dessa cirurgia, quando foi realizada pela primeira vez, por quem, como era, como é hoje etc. São informações que auxiliam o estudante a contextualizar o tema, mas não são conhecimentos imprescindíveis para sua atuação. Nesse sentido procuro, ao final de minhas aulas, destacar a essência de determinado conteúdo, para melhor fixação. Trago também muito de minha experiência prática, de minhas vivências na assistência de enfermagem. Ao final, tenho percebido que essas estratégias são eficazes e que os/as estudantes que por mim passam em campo

de estágio, saem aptos/as para assistência naquela área, aprendendo sem sofrimento e sem dor.

Um outro aspecto que quero destacar é a importância, em minha percepção, de que o/a professor/a se mostre também como ser humano para o/a estudante. Digo para eles/as: *“você acham ruim acordar às 5 e meia da manhã no inverno para estar no campo de estágio às 7 da manhã? Eu também acho! Odeio acordar cedo! Queria ficar mais um pouquinho na cama!”*; *“Não gosto de usar branco em dia de chuva!”*; *“Vocês estão cansados/as? Eu também! Para vocês esse campo de estágio é novidade. Eu repito a cada cinco dias tudo novamente para um novo grupo, mas eles merecem o mesmo tratamento que vocês, então repito com o mesmo entusiasmo!”*; *“Eu também tenho contas para pagar, tenho problemas familiares etc, mas eu escolhi a profissão do cuidado e os/as pacientes merecem o melhor de mim. Compromisso é compromisso!”*. Em minha experiência docente, tenho percebido que essa atitude quebra barreiras e facilita o aprendizado na medida em que o/a estudante passa a perceber que há um ser humano à sua frente como professor/a, e, portanto, sabe que também vai ser visto/a como tal.



Com alunas em estágio na Maternidade Carmela Dutra.



Com alunas da primeira fase.



Aula na graduação, ao sol em um dia frio de inverno.

Ensino de pós-graduação

A diferença mais marcante entre o ensino de graduação e o de pós-graduação é que, salvo exceções, neste último a relação ensino-aprendizagem se dá com profissionais que já possuem uma graduação, muitos dos quais trazendo uma boa bagagem prática em sua área de formação. Nesse nível de ensino, estive diretamente envolvida somente com pós-graduações na modalidade *lato sensu* e, antes de meu doutoramento, lecionei nos cursos de “Especialização em Enfermagem Obstétrica e Ginecológica”.

A imensa maioria dos/as docentes que concluem um doutoramento busca, ao término do curso, atuar na pós-graduação *stricto sensu*. Talvez eu seja uma exceção à regra. Sempre considerei que estudantes de graduação eram merecedores de professores/as de excelência e parto do pressuposto que todo o investimento feito em minha formação deve retornar também sob a forma de um ensino mais qualificado para graduação. Com esse olhar, após meu doutoramento, mesmo estando apta para atuar na Pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), nela não ingressei e, mesmo doutora, segui apenas desenvolvendo atividades como professora regular na pós-graduação *lato sensu*. Dessa feita, passei a atuar nos cursos “Aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola” (que teve duas edições) e “Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola”. Na pós-graduação *stricto sensu*

minha atuação foi eventual e pontual, quando fui convidada a desenvolver conteúdos relacionados à Sexualidade, ao Gênero e à Diversidade Sexual.

Em relação aos mencionados cursos de “Especialização em Ginecologia e Obstetrícia”, lecionei nas disciplinas de “Enfermagem Ginecológica”; “Sexualidade Humana Aplicada ao Gênero Feminino”; “A mulher no contexto social e Sexualidade da mulher”. Como cada disciplina possuía carga horária específica, a soma de todas as edições do curso perfaz um total de 360 horas lecionadas.

Já na Especialização na modalidade Ensino a distância (EaD) em “Gênero e Diversidade na Escola”, lecionei nas disciplinas de “Introdução ao Moodle”; “Metodologia da Pesquisa”; “Direitos reprodutivos e Sexualidade”; “Gênero e Sexualidade”, com carga horária 30 horas cada, perfazendo um total de 120 horas.

Ainda em relação ao ensino na Pós-graduação, gostaria de pontuar que, nas duas edições iniciais do “Curso de Aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola”, fui professora responsável por dois polos: na primeira edição pelo polo de Blumenau e, na segunda, por um dos polos de Florianópolis (a cidade possuía então dois polos). Nessa atuação me coube a coordenação de todo o conteúdo do curso, que totalizava de 180 horas, sendo 45 delas desenvolvidas presencialmente nos polos, o que totaliza, nas duas edições, 90 horas. Apesar de não se

tratar de um curso de especialização, entendo ser um curso de alta carga horária, motivo pelo qual elenquei como atividade de pós-graduação *lato sensu*.

Importante destacar que a atuação na pós-graduação não requer necessariamente um vínculo formal com determinado programa. Se considerarmos que na pós-graduação se faz ensino e pesquisa, posso dizer que, em minha trajetória, desenvolvi e continuo desenvolvendo pesquisa e realizei ensino na pós-graduação, a despeito de não estar formalmente vinculada a nenhum programa.



Aula na Especialização em “Gênero e Diversidade na Escola” – Polo de Florianópolis (2016).



Entrega dos livros Didáticos do “Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola” para o Reitor Luiz Cancellier.

Em 40 anos de trabalho no ensino superior foram 13051 horas destinadas ao ensino de graduação e pós-graduação, o equivalente a 530 dias inteiros de trabalho de 24 horas, ininterruptas ou a 1590 dias de atividade integral sob o regime de oito horas diárias de trabalho. Equivaleria, ainda, a 4 anos, 4 meses e 10 dias somente trabalhando em atividades teóricas, teórico-práticas e supervisionando estágios. Ademais, considerando que a carga apontada é de execução presencial, não estão nelas computadas as horas de preparo utilizadas, as quais demandam tempo de leitura e preparo. Se computássemos também o volume de horas para preparo, a soma seria de

25442 horas totais, ou o equivalente a 1060 dias inteiros de trabalhos em 24 horas; 3180 dias de trabalho sob regime de oito horas diárias. A soma, portanto, seria de 8 anos, 8 meses e 20 dias somente trabalhando em atividades teóricas, teórico-práticas e supervisionando estágios.

Nos processos de ensino/aprendizagem, entendo a educação como prática libertadora, emancipadora e democrática e penso que o conhecimento é um instrumento de transformação pessoal e social. Ancorada no pensamento de Paulo Freire, acredito que a educação não transforma o mundo e, sim, pessoas, e estas transformam o mundo. Nesse movimento, venho me transformando como educadora que não somente ensina, mas, sobretudo, aprende e reflete sobre sua prática de aprender e ensinar.



Aulas no Curso EaD Gênero e Diversidade na Escola.

Orientações

Você me procurou para sermos orientadora e orientanda, um vínculo que fará parte de nossas histórias, mesmo depois de encerrado. Eu poderia resumir meu papel de orientadora como um dever. Mas prefiro descrevê-lo como uma descoberta fascinante onde nos comunicaremos por histórias, saberes e experiências.

(Débora Diniz)

Minha iniciação como orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) se deu quando estava em meu quarto ano como professora do Departamento de Enfermagem. É preciso contextualizar que, na época quando prestei concurso, não era exigido nem mestrado nem doutorado dos/as professores/as ingressantes na carreira do magistério superior e, sendo assim, ingressei apenas com o título de especialista. Foi nessa condição que, em 1986, orientei, pela primeira vez um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em uma época em que este consistia na escolha pelo/a estudante de um tema, um campo, elaboração de uma proposta assistencial pautada em uma teórica de Enfermagem para aquele campo e apresentação do relatório.

Essa estrutura se manteve por muito tempo até que houve mudança curricular do Curso de Enfermagem, e a disciplina de TCC passou a requerer que o/a estudante, juntamente com sua proposta de atuação, elaborasse uma pesquisa. Nesse novo modelo, a minha primeira orientação ocorreu em 2008, já com doutorado concluído. Ao longo desses anos de magistério superior, orientei inúmeros Trabalhos de Conclusão de curso de graduação em Enfermagem, cursos de especialização (“Enfermagem Obstétrica”; “Gênero e Diversidade na Escola” e um em “Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia”, em regime de co-orientação).

Orientar me fascina! É uma experiência riquíssima que me traz contínuos desafios. O primeiro grande desafio é o de respeitar o objeto de estudo buscado pelo/a estudante (quando presente) redirecionando e fazendo apenas pequenos ajustes quando necessário! Sim, em minha percepção tanto melhor ficará o trabalho a ser desenvolvido quanto mais a ideia pertencer ao/à discente. Quando o/a estudante não tem ideias de objeto de investigação, resta-nos sermos “boas vendedoras de ideias”, porque mesmo que o *insight*, a princípio, não parta do/a aluno/a, ele/a tem que amar o processo de pesquisa, acreditar em seu objeto e incorporar essa feitura em sua essência. Outro desafio é auxiliar aquele/a estudante com mil ideias, mas completamente perdido/a na sua viabilidade

e/ou operacionalização, a fazer o desenho do estudo e o recorte do objeto de pesquisa.

Um terceiro desafio, principalmente nos dias atuais, é o fato de estarmos, na maioria dos casos, trabalhando com as chamadas gerações Y e Z, ou seja aquelas nascidas a partir da década de 1980, na virada do milênio e em plena era da tecnologia. Tal universo tecnológico, por sua vez, influencia em suas práticas e hábitos de leitura e de escrita. Gerações com pouco hábito de leitura e de escrita, o que acaba por reverberar nas práticas de escrita acadêmica – considerando, sobretudo, o peso da modalidade escrita nesse contexto. Desse modo, em muitas de minhas orientações reservo os encontros do primeiro mês para apresentar técnicas de redação e proponho alguns exercícios como, por exemplo, o relato escrito de uma experiência, de um filme ou de um final de semana. Após esse pequeno exercício, sento com o/a estudante e dialogamos sobre maneiras de escrever, o uso de preposições, de conectivos etc. O objetivo é ser uma mediadora em seu processo de passar de leitor/a a autor/a. Importante salientar que, nessa estratégia pedagógica, nunca desmereço o que ele/a escreve. Simplesmente sento com ele/a e construímos em conjunto uma outra maneira de dizer a mesma coisa, sempre valorizando o que ele/a traz. Entendo que esses e outros milhares de desafios que poderia elencar são de ordem técnica.

Não raro recebo orientandos/as que, durante seu processo de formação, foram desacreditados/as por outros/as professores/as a ponto de se sentirem o “patinho feio”, incapazes e incompetentes para produzir um TCC. Nesse sentido, para mim, o maior desafio é o da criação do vínculo com o/a orientando/a, praticando a empatia, reconhecendo suas limitações, mas principalmente enaltecendo suas potencialidades, auxiliando-o/a a acreditar em si mesmo/a e em seu poder de vencer essa etapa da vida acadêmica. É saber dar o colo, mas “puxar a orelha” quando necessário. É fazer uma leitura cuidadosa, mas principalmente uma escuta atenta de suas angústias e dores durante o processo. É, enfim, nunca esquecer a nossa condição humana. Partindo do entendimento de que a exigência sem amor (fria, prática e racional) é opressora e pode gerar indignação, raiva, frustração, sentimento de inadequação diria que orientar é estabelecer uma relação que solicita exigência com amor e também amor com exigência, ou seja, um conjunto que estimula o potencial do/a orientando/a gerando confiança e estimulando a aprendizagem.

Ao escrever esta etapa de minhas memórias, me pus a pensar: dos trabalhos que já orientei, qual me fascinou mais? A resposta veio instantaneamente: todos! Sim, todos, porque quando oriento me dou por inteiro, me sinto co-autora, uma vez que participo ativamente de todas as

etapas do processo. Na caminhada de orientações, além de ir me constituindo como pesquisadora, ao pesquisar junto com o/a aluno/a o seu tema na simbiose de ensinar e aprender, estabeleci laços de carinho, respeito e amizade que até hoje perduram.

<p>Olga, ✨ Essa vida passam professores, cada um do outro, mas o bom eu para o outros deixam sua peço dizer que deixou marca tão e permanente você tudo o que aprendi você, não apenas como fazer o TCC, também sobre a e como ser uma melhor. é um exemplo de e professora, uma ção que sempre me inspirar para ser e despertar o</p>	<p>gosto em escrever, mesmo? Agradeço muito por ter cruzado o meu caminho. Agradeço, princ os "públicos" de oratória me fizeram crescer superar a cada dia Fico desculpa, pelo momentos de apuros pelas muitas falas durante essa cam Enfim, você foi m mente Top! Desejo muito sua muita saúde... In próximo ano, seja de algumas e gran realizações. Você merece de mulher! Beijos de Adriana</p>
--	---



PRODUZINDO CONHECIMENTO: a inserção na pesquisa



Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar. Constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.

(Paulo Freire)

A curiosidade e a procura pelo conhecimento são inerentes ao trabalho docente. São elas que nos movem a buscar respostas, a atualizar, a produzir e a socializar o conhecimento. Por entender que a pesquisa é o pilar da construção dos conhecimentos essenciais para o desenvolvimento humano, desde o início de minha carreira docente procurei desenvolver pesquisas as mais variadas. Importante salientar que, no exercício da carreira do ma-

gistério superior, inúmeras vezes eu e minhas colegas desenvolvemos pesquisas sem o devido registro, seja porque inicialmente a UFSC não possuía um sistema centralizado de registro de pesquisas de seus/suas docentes como agora possui, seja porque as atividades desenvolvidas nesse âmbito não cabiam em nossa carga horária. Porém nem só na pesquisa, tal como concebida sob a forma de projetos, é construído o conhecimento.



Os grupos de pesquisa oportunizam o acesso a diferentes estudos e leituras que auxiliam na aquisição de um olhar instrumentalizado sobre as diversas questões que envolvem uma determinada área de interesse comum. Sendo assim, a participação em grupos de pesquisa é uma

das atividades importantes na carreira docente. Dos grupos existentes na UFSC e devidamente registrados no diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), destaco a minha participação no Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) e também como pesquisadora cadastrada no Instituto de Estudos de Gênero da UFSC (IEG).

Na última década tem aumentado o número de estudantes transgêneros/as na UFSC. Em 2018, fui procurada por duas estudantes transgêneras de pós-graduação da UFSC, Gabriela da Silva e Maria Zanela, ambas doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Educação, com o objetivo de formar um grupo de pesquisa certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e que fosse voltado para as questões trans na UFSC. Tendo em vista que o CNPq exige que a/o líder de um grupo de pesquisa tenha doutorado e, em não havendo naquela altura pessoas trans com doutorado entre estudantes e/ou professores/as da UFSC, aceitei o desafio de, com elas fundar e registrar no CNPq o primeiro grupo de pesquisa trans do Brasil. Exceto por mim, o grupo era formado totalmente por pessoas transgênero.

Assim em 26 de abril de 2018 fundei, juntamente com Gabriela da Silva e Maria Zanela, o NETRANS – Núcleo de Estudos e Pesquisas de Travestilidades, Transgeneridades e Transexualidades, certificado pelo CNPq sob

a minha liderança, filiado ao já mencionado IEG/UFSC e composto por ativistas e pesquisadoras/res transexuais, transgêneros e travestis de movimentos sociais de rua, estudantes de graduação e pós- graduação da UFSC. Esse grupo de pesquisa esteve ativo por um ano e meio, ficando com suas atividades suspensas após o início da pandemia de COVID-19, momento em que deixei a liderança, por entender que o grupo deveria seguir outros caminhos e ser estabelecido no Centro de Educação da UFSC.



No primeiro semestre de 2020, ano marcado pela pandemia mundial do COVID-19, que levou a UFSC a decretar suspensão das atividades presenciais e, em um primeiro momento, também de ensino, o foco dos/as docentes e também de estudantes passou a ser as atividades de pesquisa e extensão. Nesse cenário, em maio daquele ano recebi um e-mail da estudante Camila Duarte de Castro (aluna da enfermagem) manifestando seu desejo – compartilhado por colegas do curso de psicologia – de participar de um grupo de estudo na temática de sexualidade.

Apesar de trabalhar com a temática há mais de 20 anos eu ainda não tinha um grupo de estudos em sexualidades formalizado institucionalmente e, a partir daquele e-mail, percebi que era chegado o momento de criar um grupo de pesquisa nessa temática que fosse institucionalizado e registrado no diretório de grupo de pesquisas do CNPq.

Acreditando que o grupo deveria ser marcadamente interdisciplinar, iniciei os primeiros contatos com Ale Mujica Rodriguez (médico, doutor em Saúde Coletiva, pessoa trans não binária), Lino Gabriel dos Santos (professor do Instituto Federal de Santa Catarina, doutorando em Antropologia, pessoa trans) e com Laís Antunes Wilhelm (enfermeira obstétrica, mulher cis, professora do Departamento de Enfermagem da UFSC) a fim de construirmos conjuntamente um grupo de pesquisa em sexualidades com caráter interdisciplinar. Foram dois meses de trabalho em equipe para elaboração dos obje-



tivos, regimento, linhas de pesquisa e inscrição do grupo na plataforma de grupos de pesquisa do CNPq. Assim, em 26 de junho de 2020 teve início, oficialmente, o Laboratório de Ensino, Pesquisa e extensão em sexualidades – AFRODITE, certificado pelo CNPq, sob minha liderança e também filiado ao Instituto de Estudos de Gênero da UFSC.

O grupo conta atualmente com 21 estudantes de graduação e pós-graduação das mais variadas áreas de formação, oito pesquisadoras/es e um servidor técnico administrativo da UFSC cadastrados/as no Diretório de grupos de pesquisa e possui seis linhas de pesquisa: “Corporalidades, gêneros, diversidade sexual e saúde”; “Educação continuada em gêneros e sexualidades no sistema educacional e assistência à saúde”; “Gênero e sexualidades: interseccionalidades e interferências culturais”; “Gêneros e sexualidades no ciclo gravídico- puerperal”; “Gêneros, sexualidades e direitos reprodutivos”; “Saúde e afetos: monogamia, amor romântico e não monogamia – discursos e práticas”. Possui página institucional (afrodite.paginas.ufsc.br) e, até outubro de 2021, realizou 16 encontros de formação nas temáticas das linhas de pesquisa.

Atualmente o AFRODITE possui duas pesquisas concluídas e duas pesquisas em andamento. Entre as con-

cluídas, tem-se: **“Sexualidades na adolescência e escola: um diálogo possível?”** (linha de pesquisa “Educação continuada em gêneros e sexualidades no sistema educacional e assistência à saúde”); **“Consulta ginecológica: vivências de mulheres cis lésbicas”** (linha de pesquisa: “Corporalidades, gêneros, diversidade sexual e saúde”); Já entre aquelas que estão em andamento, estão: **“Vida sexual pós parto: vivências de mulheres”** (na linha de pesquisa “Gêneros e sexualidades no ciclo gravídico- puerperal”) e **“Sexualidade na conjugalidade: vivências de mulheres cis heterossexuais”** (linha de pesquisa “Corporalidades, gêneros, diversidade sexual e saúde”).

No que diz respeito à promoção de eventos, o Afro-dite realizou no primeiro semestre de 2021 o **“I Simpósio Interdisciplinar de Sexualidades, Gêneros e Diversidades”** e, no segundo semestre, o **“1º Encontro BAFO: Moda e Dissidências Sexuais e de Gênero”**, ambos com palestrantes convidados/as de todo o Brasil.

Todas as pesquisas realizadas foram importantes em em minha trajetória e cada uma a seu modo modificou para melhor o meu olhar para o viver humano. Algumas resultaram em publicações em periódicos ou em capítulos de livros. Mencionar cada uma e suas contribuições extrapolaria o objetivo deste manuscrito, motivo pelo qual quero aqui destacar duas em especial, o que faço a seguir.

A pesquisa que deu origem à minha dissertação de mestrado chamou-se “**Orgasmo feminino: da expressão ao início da compreensão**”. Tratou-se de um estudo qualitativo, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, no qual busquei a compreensão do orgasmo feminino na percepção dos/as autores/as (cientistas) e das mulheres por eles/as estudadas. Entre os/as autores/as, houve uma tendência a uma visão biologicista do orgasmo feminino, destacando-se que 90% desse corpo teórico era composto de homens falando sobre o orgasmo da mulher. Na área da saúde é comum termos padrões de normalidade que nos guiam para muitos diagnósticos. Assim, sabemos qual é a temperatura corporal normal, diagnosticando a hipertermia quando está acima ou a hipotermia quando está abaixo deste padrão; sabemos o padrão tensional da pressão arterial por meio do qual diagnosticamos a hiper ou hipotensão e assim por diante. Enfermeira por formação, busquei, nessa mesma lógica, saber qual era o padrão de orgasmo feminino que, em um primeiro olhar, me auxiliasse a dizer se a mulher estava acima ou abaixo do padrão. Com minha dissertação, contudo, descobri que não existe um padrão orgásmico. Por mais que determinadas reações corporais possam ser similares, o que existe é uma mulher única, com sua história de vida, sua cultura, seus valores e seu contexto social – elementos que irão influenciar diretamente na vivência de sua sexualidade.

Essa descoberta foi muito importante para mim e a partir dela passei a fazer atendimentos em sexualidade norteados por esse olhar, logo, buscando ajudar as mulheres a olharem para si e não para padrões estereotipados produzidos por livros, por enciclopédias sexuais ou pela mídia. A partir desse prisma criei e desenvolvi a Consulta de Enfermagem em Sexualidade e foi com o registro de 373 consultas de enfermagem em sexualidade por mim realizadas através de projetos de extensão que cheguei ao Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – Área de Concentração: Estudos de Gênero. Nele desenvolvi a segunda pesquisa que aqui quero destacar e que deu origem à minha tese, intitulada “**Sexualidades femininas e prazer sexual: uma abordagem de gênero**”. Dessa forma, com os conhecimentos novos adquiridos no doutorado busquei um novo olhar – o das Ciências Humanas e dos Estudos Interdisciplinares – para as consultas realizadas, pautando-me especialmente pelos estudos de gênero.

Para tanto, dividi em três categorias as 373 mulheres até então atendidas em consultas de enfermagem em sexualidade por mim realizadas: as que relatavam práticas exclusivamente heterossexuais; as que relatavam práticas exclusivamente homossexuais e as com práticas bissexuais. Dos registros das consultas foram extraídas duas unidades de análise: o início da atividade sexual e a vida sexual atual. Na sequência passei a analisar as práticas

sexuais relatadas à luz das ciências sociais e dos estudos de gênero. Para além da análise detalhada dos dados sociográficos (idade, procedência, escolaridade, raça, profissão, renda etc.), foram analisados os registros sobre a vida sexual pregressa: o início da atividade sexual; as razões alegadas para primeira relação sexual; a primeira atividade sexual (parceiro/a, prática, orgasmo); a primeira experiência sexual com mulheres; os sentimentos experimentados na primeira relação sexual. Na sequência, a análise se debruçou sobre a vida sexual atual: os motivos da procura pela consulta em sexualidade; as percepções sobre a vida sexual atual; sexualidade e conjugalidade: a comunicação sobre sexualidade no casal; iniciativa sexual; preliminares, masturbação, orgasmo; a busca pela normalidade e as representações sociais acerca da sexualidade da mulher; sentimentos frente aos problemas sexuais; e as representações sociais que provocam interdições na vivência da sexualidade pela mulher – “a mulher é passiva”, “a mulher deve ter corpo perfeito”, entre outras.

Voltar para os registros das consultas realizadas com um olhar interdisciplinar ancorado nos estudos de gênero foi como descobrir um mundo novo. Ao final da pesquisa, concluo que as mulheres em quem a pesquisa se deteve acabaram por ficar prisioneiras de outros dogmas que ainda ditam a sua conduta moral. No olhar delas, os homens, direta ou indiretamente, ainda exercem muito

controle sobre a sua sexualidade e conduta. Nesse contexto, os clichês sexuais continuam a ser predominantemente masculinos e arcaicos e as mulheres estão presas a *scripts* sexuais marcados por modelos de pecado e da vergonha, muitas vezes à mercê dos *scripts* masculinos, estes também marcados pela ambiguidade entre discursos progressistas de liberação sexual de homens e mulheres e os modelos tradicionais, vinculados a noções como passividade feminina e atividade masculina.

Ao desvelar as imbricações históricas que levaram à construção das assimetrias de gênero, minha pesquisa me trouxe a percepção da construção da norma social de um duplo padrão sexual que institui comportamentos sexuais apropriados para homens e mulheres e tendem a julgar negativamente as pessoas que contrariam o padrão normativo. Na cultura ocidental, tal duplo padrão sexual encerra a maior permissividade sexual do comportamento masculino em relação à mulher. Da mesma forma, a homossexualidade feminina é silenciada, apesar dos relatos presentes na tese apontarem para maior liberação das mulheres que declaravam práticas bi e homoeróticas.

Destaquei essas duas pesquisas por terem sido as que modificaram minha maneira de ver o mundo e também minha maneira de ensinar. A partir do doutoramento, a abordagem praticada em minhas aulas e palestras mudou para melhor, aprendi a não falar nada como verdade ab-

solta e isso não se deu pela obtenção de um título, mas, sim, pelo novo olhar que adquiri ao adentrar no mundo das Ciências Humanas, um olhar que me tornou uma enfermeira, uma professora e uma pessoa melhor.

SOCIALIZANDO CONHECIMENTO: as publicações



Para que possa progredir na carreira do magistério superior, para além das pesquisas desenvolvidas, um/a professor/a universitário/a tem que ter produção intelectual materializada em artigos, capítulos de livros e afins. Sendo assim, publiquei vários artigos em periódicos científicos indexados. Destes, considero como mais relevante o artigo publicado na “Revista Texto Enfermagem”, em 2012, intitulado: **“Consulta de enfermagem em sexualidade: um instrumento para assistência de enfermagem à saúde da mulher, em nível de Atenção Primária”**. Ele é também o que possui maior número de citações. Foi escrito em parceria com a enfermeira e prof^a Laura Lisboa (falecida) e é fruto de minha experiência nos atendimentos em sexualidade, por meio das atividades de extensão, e da experiência de Laura em consultas de enfermagem. Sua relevância reside no fato de não haver publicação semelhante na enfermagem. Aqui destaco novamente que somente o Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC possui disciplina obrigatória

com temática de sexualidade em seu currículo. Esse é um dos motivos pelos quais considero o artigo relevante: por preencher uma lacuna na formação de enfermeiras/os. É um artigo que não só convida à reflexão, mas, sobretudo, instrumentaliza a/o enfermeira/o para realizar atendimento em nível de Atenção Primária das demandas de sexualidade, em especial as da mulher, através da consulta de enfermagem.

Um segundo artigo que considero relevante é o intitulado: **“Revisitando a tese – sexualidades femininas e prazer sexual: uma abordagem de gênero”** publicado em 2016 na revista “Saúde e Transformação Social”. Para mim, sua relevância reside no fato de ele ser uma releitura de minha tese realizada dez anos depois, desta feita com um novo recorte: detendo-me apenas nas diferenças entre os relatos de práticas homo e heterossexuais de mulheres, ainda com uma abordagem de gênero. Com esse outro olhar, constatei que minha tese, já apontava, em 2007, mas não enfatizava, que mulheres com práticas homoeóticas têm menos problemas sexuais do que aquelas com práticas heterossexuais. Essa mesma constatação foi amplamente divulgada em 2014 pelo Instituto Kinsey nos meios científicos e midiáticos, publicizando uma pesquisa realizada por aquele renomado Instituto que constatou que lésbicas chegam com mais facilidade ao orgasmo com suas parceiras do que as mulheres heterossexuais.

A congruência dos resultados da minha tese com o estudo realizado pelo Instituto Kinsey me levou a refletir que precisamos, enquanto academia, assumir o nosso poder de produzir e não apenas sistematizar novos conhecimentos. No artigo constato ainda que, passados dez anos de meu primeiro estudo, o relato das práticas sexuais das mulheres se manteve, evidenciando que o exercício da sexualidade pelas mulheres com práticas heterossexuais ainda é permeado por conflitos originados nas questões relativas às construções de gênero, à identidade e à heteronormatividade.

Além de ter escrito e publicado artigos para revistas, também organizei livros e escrevi vários capítulos em livros. A organização de livros nas temáticas de gênero e diversidade foi fruto de parceria com professora Miriam Pillar Grossi e com a equipe de pesquisadoras e estudantes de pós-graduação do Instituto de Estudos de Gênero. Na área da enfermagem, organizei, em parceria com colegas de Departamento, um livro-texto de Enfermagem na Atenção Primária da Saúde. Para não me alongar muito vou destacar, entre os livros organizados, dois que ganharam projeção nacional:

“Fuxico — uma maneira lúdica de contribuir para o aprendizado das questões de gênero, sexualidades e raça/etnia” foi organizado por mim e professora Miriam Grossi. Trata-se de um livro produzido durante

o segundo curso de aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola – GDE, aqui já citado – e ganhou projeção nacional. Nele, inspiradas no jogo PERFIL® da GROW®, elaboramos um jogo de tabuleiro com objetivo de contribuir para o aprendizado, reflexão e fixação dos conteúdos do Curso Gênero e Diversidade na Escola por meio de uma experiência lúdica. Sua organização foi bem trabalhosa, envolvendo 17 autoras/es que elaboraram fichas individuais nas quais constavam: 63 conceitos; 19 datas relativas à diversidade; 21 eventos e lugares; 13 teóricas/os; e 47 lideranças ou representantes de movimentos sociais. Após sua elaboração, cada ficha recebida era por nós revisada. Posso afirmar que foi um projeto ousado, diferente e que se trata de um livro/jogo atemporal, na medida em que as pessoas podem ir criando novas fichas e agregando-as às pré-existentes, sendo, portanto, um livro que pode estar em eterna construção.

Na área da enfermagem, a organização do livro **“Enfermagem na Atenção Primária à Saúde da mulher – Textos fundamentais”** envolveu seis autoras e sua relevância reside no fato de ser o primeiro livro texto direcionado para o atendimento integral à mulher na Atenção Primária escrito exclusivamente por enfermeiras e também no fato de aprofundar-se nos saberes necessários a um cuidado de enfermagem de qualidade nesse nível de assistência. Rapidamente se transformou no livro texto

para alunos/as de enfermagem do Brasil inteiro. É também uma maneira de diminuir o custo em aquisição de livros textos por alunas/os e enfermeiras/os assistenciais, à medida que em uma única obra encontram o conteúdo com um ótimo aporte teórico.

Em termos de organização de livros, ainda tenho um projeto “solo” que pretendo desenvolver. Ao final de minhas palestras costumo receber perguntas relativas à temática da sexualidade, a grande maioria anônima e escrita em papel. Tenho todas comigo (mais de mil) e pretendo categorizá-las e escrever um respondendo-as, ou seja, um livro no formato “pergunta e resposta”.

Sempre que convidada a escrever um capítulo de um livro, sinto-me na obrigação de aceitar. O saber só tem sentido se compartilhado, socializado. A escrita – quer seja de artigos científicos para publicação em periódicos, quer seja de um capítulo de livro – é uma forma de compartilhar ideias e difundir conhecimento a partir de uma linha de pesquisa, temática ou eixo articulador.

Com essa prerrogativa, escrevi, ao longo destes 40 anos de ensino superior, 23 capítulos de livros. Muitos, talvez a maioria, foram fruto de parcerias com pesquisadoras do Instituto de Estudos de Gênero, especialmente com a professora e amiga Miriam Grossi. Grande parte orbita em torno da temática de gênero e diversidade sexual. Escrevi também vários capítulos de livros na área da

saúde da mulher, trazendo meu conhecimento e também minhas vivências nas temáticas abordadas. Ademais, escrevi também capítulos no livro “**Grupo de Apoio à pessoa ostomizada — mudando caminhos**” fruto de minha parceria com o Grupo de Apoio à Pessoa Ostomizada (GAO), ao qual por muito tempo prestei assessoria e consultoria na temática da sexualidade da pessoa ostomizada.

É importante destacar que a produção intelectual não se restringe às modalidades que trouxe até aqui. Um/a professor/a também faz consultorias, assessorias, produz pareceres para artigos enviados para publicação em periódicos etc. Na multiplicidade de frentes nas quais atuei, quando parei para pensar em minha produção intelectual, tentei elencar aquelas que considero mais importantes. De fato, não consigo! Fazendo uma analogia, é como se eu perguntasse para uma mãe de quatro filhos qual é o mais importante pra ela. Seguindo essa linha de pensamento, todos os textos que já produzi são importantes, até porque se assim não os considerasse, não os teria escrito. Penso, portanto, que cada um – em seu contexto, em seu cenário e no seu tempo – foi/é importante para públicos diversos e cumpre com o seu papel de difusão do conhecimento.

Por fim, para se manter atualizado é necessário que o/a docente participe de eventos científicos seja como ouvinte, seja como ministrante, seja como organizador. A participação em eventos científicos é, portanto, uma das

exigências para que o profissional possa manter práticas de ensino atualizadas e de qualidade. Não participei em tantos eventos quanto gostaria, porque como já dito, sempre fui mãe solo o que dificultava em muito minha saída de Florianópolis – minha cidade, para eventos pelo Brasil ou no exterior. Porém em todos que participei estive “inteira” e, para além de trocar conhecimentos, muito aprendi.





SAINDO DOS MUROS DA UNIVERSIDADE: a extensão



*Se você tem conhecimento, deixe os
outros acenderem as suas velas nele.*

(Margaret Fuller)

Como já relatado, minha formação em enfermagem não incluiu licenciatura. Sendo assim, o fazer pedagógico, a incorporação da importância da indissociabilidade entre ensino/pesquisa/extensão na universidade foram por mim aprendidos na prática e na busca pessoal por conhecimento concernentes à temática. Confesso, contudo, que demorei para entender a extensão em sua plenitude, pois, à primeira vista, parecia ser em minha área apenas uma prática assistencialista e uma forma de não perder o vínculo com a prática.

Meu primeiro projeto de extensão (**COENSEX — Consulta de enfermagem em sexualidade**) aconteceu em 1992, logo após a conclusão de meu mestrado. Assim que me intitulei mestre, elaborei um projeto de extensão

de consulta de enfermagem em sexualidade (que mantenho até hoje) e comecei os atendimentos (a maioria do público composta por mulheres) que foram se multiplicando dia a dia chegando a mais de 500 atendimentos. Paralelamente, passei a proferir palestras (inúmeras e todas na temática da sexualidade) para comunidade em geral, profissionais de saúde, escolas (tanto para estudantes como para docentes), secretarias municipais e estaduais de saúde etc.

Após a defesa da dissertação de mestrado, para além deste projeto maior, passei a ser referência na área da saúde para a temática de sexualidade e minhas atividades de extensão incluíram palestras, entrevistas, cursos de curta duração, atividades de extensão. Executei tais atividades, no entanto, sem que estivessem ligadas a um projeto específico, ou seja, foram realizadas sob demanda. Dessa forma, muitas atividades aconteceram sem certificação, uma vez que, sinceramente, minha preocupação maior era estar fazendo a minha parte, socializando conhecimento em nome da universidade, de modo que não me ative a certificados que atestassem esse meu fazer acadêmico. Grande parte dos convites para a realização dessas atividades partiu de ex-alunas/os da disciplina “Corpo, Gênero e Sexualidade”, por mim ministrada, e que hoje estão inseridas/os no mercado de trabalho. Algumas des-

sas experiências me marcaram profundamente, trazendo grandes aprendizados.

Os aprendizados

Posso dizer que, no processo de proferir palestras em atividades de extensão, mais aprendi do que “ensinei”. Trago, a seguir algumas experiências marcantes, cujos aprendizados destaco em negrito.

A primeira que relato foi uma palestra realizada em Timbó (SC), a convite da Secretaria de saúde daquele município, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher. Ao entrar na cidade, todo o percurso até chegar à Secretaria de Saúde estava enfeitado com balões e faixas alusivas à data e convidando para minha palestra, uma recepção que já me surpreendeu. Eu imaginei que minha fala aconteceria em um auditório, mas, para minha surpresa, ela foi realizada no cinema da cidade que estava completamente lotado por 600 mulheres. Ao final fui aplaudida de pé pelas presentes, o que considerei um *feedback* positivo. Saí de lá com a sensação de dever cumprido e com o aprendizado de que **é importante socializarmos e compartilharmos o saber produzido na academia, pois ele não tem sentido se não ajudar na melhoria da qualidade de vida das pessoas.**

A segunda palestra marcante foi uma realizada no município de Palhoça a convite de uma ex-aluna e em homenagem ao Dia Internacional do Idoso. Novamente, minha expectativa era de falar em um auditório, mas, quando cheguei lá, deparei-me com o salão paroquial de uma igreja local com mais de 400 homens e mulheres da terceira idade presentes. Do “palco” de onde falava, minha visão era de um mar de cabeças brancas. Pensei comigo: “é hoje que eu apanho!”, mas, novamente fui aplaudida de pé. O que mais me surpreendeu foi o grande número de idosos/as que vieram falar comigo ao final e a frase que mais ouvi foi: *“nossa, como queria ter te ouvido quando era mais jovem – eu ia desfrutar muito mais a minha sexualidade”*. Mais um aprendizado para mim: **não tenha ideias preconcebidas, mantenha a mente livre!**

Outra palestra que registro aqui foi realizada em Laguna (SC) e destinava-se a mulheres da comunidade em geral, também em homenagem ao Dia Internacional da Mulher. Desta feita, sim, a palestra ocorreu em um auditório onde estavam cerca de 80 pessoas. Tudo dentro do esperado. Porém, quando fui iniciar minha fala, ainda no momento da apresentação, faltou luz na cidade. Minha fala havia iniciado às 14h, estávamos no mês de março e o dia estava ensolarado. Pensei: *“não preciso de recurso audiovisual para falar, eles são só um plus”*. Disse, então, para organização e para a plateia: *“Se vocês quiserem abrir*

janelas e cortinas, temos clareza e falo da mesma forma, mesmo sem luz”. Assim foi feito e falei por duas horas, sendo novamente aplaudida de pé. Foi uma experiência maravilhosamente desafiadora e o contratempo da falta de energia me trouxe o aprendizado de que **não podemos, enquanto docentes, ficar “presos” a este ou aquele recurso, pois, quando eles falham, temos que dar conta de cumprir nosso compromisso.**

Falando em contratempo, gostaria de narrar aqui um que foi bem marcante para mim. Fui convidada para falar sobre a temática da sexualidade no município de Concórdia (SC). O planejado era pegar um voo até Chapecó (SC), onde haveria um motorista da Universidade de Concórdia me esperando. Minha fala iniciaria às 8h da manhã, motivo pelo qual peguei o voo no dia anterior, saindo de Florianópolis 19h30. Quando estava sobrevoando o aeroporto de Chapecó, o comandante avisa: *“Não temos teto para pouso. Vou dar duas voltas e tentar, caso não consiga retornaremos à Florianópolis”*. Na segunda tentativa ele arremeteu e voltamos à Florianópolis. Chegando ao Aeroporto a empresa aérea pagou a passagem em um ônibus para os passageiros que desejassem manter sua ida, mas avisou: *“o ônibus só leva até o mesmo destino do voo – Chapecó”*. Fiquei tão assustada que pensei alto: *“Meu Deus! Como vou fazer para dar a palestra?”*. Naquele momento, um homem ao meu lado que estava no mesmo

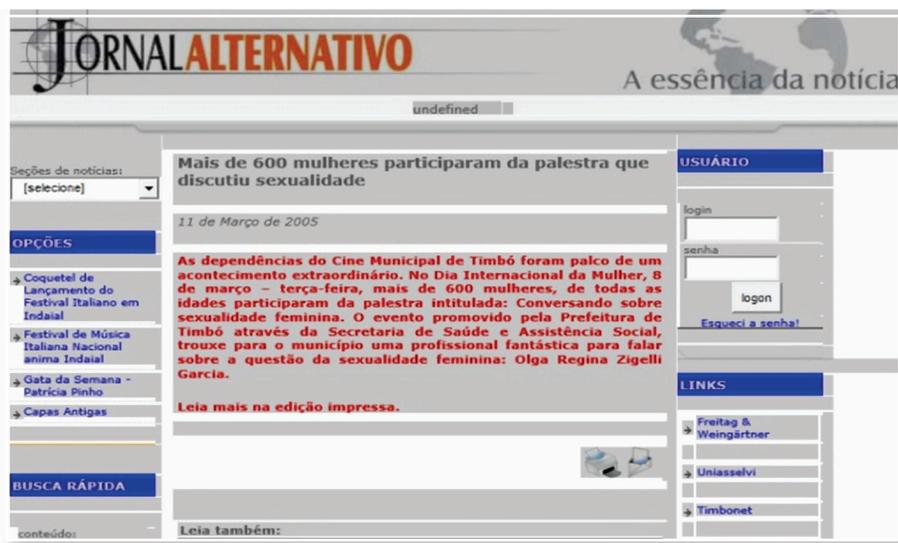
vôo me disse: “*Para onde a senhora vai?*”. Eu respondi: “*Vou para Concórdia, estão me esperando para uma palestra na universidade às 8h da manhã*”. Ele então me disse: “*não se preocupe, sou prefeito de Iraí (uma cidade vizinha à Concórdia). Já pedi para meu motorista me aguardar com o carro no trevo da entrada para Iraí na BR. Se a senhora quiser, pode vir conosco e ele lhe leva até Concórdia*”. Confesso que não tive como não lembrar dos conselhos de minha mãe, ouvidos desde a infância: “*Não pegue carona com desconhecidos*”. Porém, sem saída, querendo manter minha palavra e meu compromisso, aceitei e assim foi feito. Cheguei ao hotel em Concórdia às 6h30 da manhã depois de uma noite insone no ônibus. Tomei um banho, deitei na cama, coloquei as pernas pra cima e às 8h estava começando minha fala que foi até ao meio dia, tendo sido novamente aplaudida de pé. Essa experiência me trouxe mais um aprendizado: **compromisso é compromisso! Apesar dos contratemplos dê sempre o seu melhor!**

Para além das palestras que citei, duas em especial foram desafiadoras para mim: uma, cujo convite igualmente partiu de uma ex-aluna, para ser proferida em homenagem ao novembro azul, para uma plateia exclusivamente masculina da comunidade da área continental de Florianópolis. Nunca tinha falado para uma plateia exclusivamente formada por homens. A fala versou sobre resposta sexual humana e construção dos estereótipos

de gênero. Foi uma experiência maravilhosa e o nível de interesse deles foi altíssimo. Essa experiência me levou a refletir o quanto nós, mulheres, criticamos os homens por seus comportamentos, entre eles o sexual, sem nos darmos conta do alto nível de desinformação que possuem e dos marcadores de gênero que permeiam a construção de sua masculinidade. Tal experiência, inclusive, levou-me à realização da pesquisa intitulada: **“Importância do prazer sexual feminino nas relações heterossexuais: a percepção de homens”**. Mais um aprendizado: **a pesquisa está intrinsecamente ligada ao fazer da docência. Este foi um exemplo típico da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.**

A última experiência desafiadora que quero aqui relatar é bem recente: fui convidada por um colega de Departamento, professor Jeferson Rodrigues, da área de psiquiatria, para fazer uma fala sobre sexualidade para usuários do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da Ponta do Coral, em Florianópolis. Lá chegando apenas homens estavam presentes (aproximadamente uns 20) e um psicólogo do CAPS para apoio caso ocorresse algum incidente. A plateia era composta por pessoas com os mais diversos diagnósticos psiquiátricos que iam desde ideia delirante até esquizofrenia. Pensei comigo: *“e agora, Olga?”*. Bem, amo desafios! Resolvi, então, fazer um círculo, esqueci todo material audiovisual preparado e

resolvi, naquela mesma hora, fazer uma roda de conversa, partindo daquilo que eles falavam depois de por mim provocados por meio de perguntas disparadoras. Foi uma experiência linda e gratificante! O nível de participação foi altíssimo a ponto de extrapolar em uma hora o tempo inicialmente previsto. Aqui mais um aprendizado: **é importante saber adequar a linguagem para as pessoas com que se está estabelecendo interlocução. O bom docente é aquele que se faz entender em qualquer contexto e em qualquer cenário!**



Matéria do Jornal Alternativo sobre palestra em Timbó (SC).



Outubro Rosa — Palestra sobre sexualidade da mulher, realizada distrito continente.



Novembro Azul – Palestra sobre gênero e sexualidade. Realizada no distrito continente.



Outubro Rosa – Palestra sobre sexualidade na equipe ESF de São José (SC).



Oficina realizada na Eletrosul.



Curso de Curta Duração Gênero.
Realizada na Educação de Jovens e
Adultos em São José (SC).

Para além dessas atividades de palestras, gostaria de mencionar algumas entrevistas oferecidas para TV e/ou jornais (e não foram poucas) que também podem ser caracterizadas como atividade de extensão na medida em que são uma forma de socializar e compartilhar os conhecimentos da academia com a sociedade.



Entrevista para Rádio UDESC (2017).



Entrevista para TV UFSC – Dia internacional da Mulher (2017).



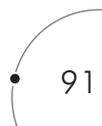
COLABORANDO COM OS BASTIDORES DA UNIVERSIDADE



*Na carreira do ensino superior,
assumir cargos administrativos é uma forma
de trabalhar em prol da operacionalização da
indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão
colaborando com as ações da universidade no
cumprimento da sua missão pública e social.*

(Olga Regina Zigelli Garcia)

O tripé ensino/pesquisa/extensão é apoiado por atividades administrativas que permitem a sua operacionalização. De fato, nunca consegui limitar a minha atuação somente àquilo que concerne ao ensino, pesquisa e extensão e sempre busquei colaborar com os aspectos operacionais da instituição, sempre me interessei por conhecer e atuar nos “bastidores” que oferecem sustentação ao tripé que tão bem define os campos de atuação na docência universitária. Assim, durante minha trajetória na universidade, assumi vários cargos administrativos.



O primeiro cargo administrativo que assumi, logo no segundo ano de minha carreira docente, foi o de coordenadora de fase – da quarta fase em que era desenvolvida a disciplina eixo de “Saúde da mulher”. Foi uma experiência importante, eu diria que uma espécie de iniciação àquela que seria minha segunda paixão entre as várias possibilidades de atuação que a docência no ensino superior permite. Muito provavelmente essa paixão tem a ver com meu jeito pragmático, proativo de ser. Gosto de ver as coisas acontecerem, gosto também de transformação. Isso é da minha essência. Esse é um dos motivos pelos quais eu tenho paixão pela cozinha: a alquimia dos alimentos, a transformação que eles permitem na elaboração de “n” possibilidades me encanta.

Uma colega de departamento, professora Nelcy Coutinho Mendes, que foi minha professora no curso e com quem dividi, na qualidade de subchefe, a chefia do Departamento de Enfermagem, convidada por mim a escrever a orelha do livro de poesias que lancei no ano de 1998, escreveu: *“Juntas dividimos a Chefia do Departamento de Enfermagem por dois anos e a seguir ela foi atuar como sub-coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem. Não teme desafios, enfrenta-os e geralmente os vence: é extremamente sensível e inteligente, o que a torna forte, capaz de buscar meios que a ajudem a vencer as dificuldades e tirar proveito delas”*. Sim, sou exatamente assim. Gosto

de desafios! Diria até que sou movida por eles. Sem dúvida, assumir cargos administrativos na UFSC foi um grande desafio.

O segundo cargo administrativo que assumi – e no qual permaneci de 1986 a 1988 – foi o de subchefe do Departamento de Enfermagem, cargo este que me ofereceu uma perspectiva ampliada do Departamento, de suas potencialidades e fragilidades. Nesse cargo, aprendi a olhar para além da minha disciplina, aprendendo a entender todos os trâmites burocráticos envolvidos em oferecer “mão de obra” qualificada para operacionalização do currículo.

Saindo da subchefia do Departamento de Enfermagem, em uma eleição disputada fui eleita subcoordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem, tendo como Coordenador o professor Wilson Kraemer de Paula (que também havia sido meu professor na graduação). Foi um período de grande aprendizado e sua visão humanista e apreço pelas relações interpessoais me encantavam e me mostraram o caminho a seguir. Neste cargo permaneci de 1989 a 1994, portanto, por três mandatos. Na coordenação do curso, o foco era outro: o currículo e o zelo pela obediência à matriz curricular e pela qualidade do ensino. Neste cargo minha compreensão se ampliou mais ainda, pois minha atuação foi para além do mundo do Departamento de Enfermagem, uma vez que tinha que dialogar

como todos os professores que atuavam no curso, o que incluía os professores do ciclo básico, pertencentes a outros departamentos de ensino.

O nascimento do Interfases

Entendendo que tinha uma boa bagagem, após três mandatos como sub-coordenadora de curso, em 1994 me candidatei e fui eleita coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem. Durante o processo eleitoral, apresentei, entre outras, a proposta de *“Instituir o primeiro dia de aula de cada semestre, a partir de 95.2 para encontro e troca de experiências de todas as fases e professores envolvidos no curso”*. Uma vez eleita, assumi a Coordenação do Curso e denominei o encontro de **“Encontro Interfases”**, pensado para ser realizado em um tempo de 5 horas/aula no primeiro dia de aula. Contudo, as fases em nível profissionalizante encontraram dificuldades em “ceder” aquela carga horária, visto que subtrairia 5 horas/aula de seu cronograma. Diante disso, a chefia do Departamento de Enfermagem, à época Prof^a Kenya S. Reibnitz, intermediou um acordo com as fases, de modo que acabaram sendo concedidas 3 horas/aula para a realização do encontro.

Em 26 de junho de 1995 a proposta foi levada ao Colegiado do Curso de Graduação em Enfermagem e foi

aprovada por unanimidade, tendo o primeiro Encontro Interfases ocorrido em 1 de agosto de 1995. O curso tinha, em 1995.2, 280 alunos/as distribuídos/as em 8 fases. Como o objetivo era integração e troca de experiências, em um primeiro momento (das 7h30 às 8h) todos/as concentravam-se no Auditório do Centro de ciências da Saúde. Ao chegarem, os/as discentes recebiam crachás que os/as identificavam com cores diferentes, prática que tinha por objetivo evitar o agrupamento por afinidade e garantir que na mesma sala houvesse estudantes da primeira à oitava fase. Sendo assim, em uma fase com, por exemplo, 40 estudantes, eram distribuídos crachás com sete cores diferentes.

Após a recepção feita pela Coordenadora do Curso explicando o objetivo do encontro, os 280 estudantes foram divididos em sete turmas de 40 cada, sendo cada turma alocada em uma sala correspondente à cor do crachá que o/a estudante recebia. Cada turma tinha um/a professor/a colaborador/a (que aceitava o convite da Coordenadoria do curso para participar) e tinha como função de coordenar os trabalhos por meio de um roteiro preestabelecido, lista de presença e roteiro de ata. Para cada turma, a coordenadoria convidava um/a estudante recém-formado/a para relatar a experiência da última fase do curso.

Uma vez deslocados os grupos de trabalho para as respectivas salas (das 8h às 8h15), os participantes tinham

15 minutos para apresentação individual, sendo eleito, no grupo, um/a secretário/a e um/a cronometrista. A seguir, estimulados/as pelo/a docente coordenador dos trabalhos em cada turma, os/as alunos/as tinham uma hora para relatar as experiências vivenciadas na fase que tinham acabado de cursar, ressaltando pontos positivos, negativos e fazendo recomendações para a melhoria da qualidade de ensino, sendo feita a ata de cada turma pela relatoria (secretário). Terminado aquele momento, todos voltavam a se reunir no auditório e o/a relator/a de cada turma tinha 15 minutos para socializar com o grande grupo o trabalho desenvolvido em sua turma. Os 15 minutos finais do Encontro eram reservados para sua avaliação e para que fossem formuladas sugestões para os próximos eventos. Tendo em vista que a avaliação do **I Encontro Interfases** foi positiva, o segundo encontro ocorreu em 5 de março de 1996, seguindo a mesma metodologia.

No **III Encontro Interfases** a metodologia foi mudada e os primeiros 10 minutos passaram a destinar-se a apresentação de todos/as os/as coordenadores/as (de fase, de pesquisa, de extensão, pós-graduação etc.) do Departamento de Enfermagem e nos 5 minutos subsequentes era feita uma apresentação musical realizada por estudantes. Os/as alunos/as, naquela feita, foram agrupados/as por fase e, após 15 minutos de trabalho conjunto, desprenderam um total de 50 minutos para apresentação do

relatório de todas as fases. O auditório foi previamente enfeitado com balões que continham em seu interior frases escritas e que, ao final, foram estourados para a leitura de mensagens destinadas a cada fase. Ao final do Encontro, todos – professores/as e estudantes – cantaram uma música e, de mãos dadas oraram um Pai Nosso. Foi a primeira vez que o componente afetivo-emocional foi introduzido no Interfases.

A partir daquela edição do Interfases, por sugestão do conjunto de estudantes e professores/as, o evento passou a ocupar 5 horas/aula, tendo, portanto, além do tempo destinado à avaliação do e reflexão sobre o curso, também um tempo para jogos e brincadeiras de integração entre todas as pessoas presentes. Até esta edição do Interfases eu estava frente à Coordenação do Curso. A partir do quarto Encontro, com a mudança de coordenação ocorreram mudanças no Interfases, que passou a ter também atividades de integração formadas por brincadeiras, jogos e distribuição de brindes por sorteio (livros e periódicos publicados por professores/as do Departamento de Enfermagem).



Em 1999, iniciou-se a busca por e a apresentação de “talentos” entre professores/as e estudantes que, nas edições dos Interfases, passaram a apresentar-se com poesias, contando anedotas, tocando instrumentos musicais,

cantando músicas, falando outro idioma, enfim, divulgando talentos não relacionados à profissão de enfermeiro/a e apresentando outras facetas das pessoas ali presentes.

No primeiro semestre de 2000, o Encontro, ainda planejado pela coordenação do curso com a colaboração de professores/as interessados/as, teve mais uma inovação: foi solicitado aos/às formandos/as que apresentassem um resumo de sua vivência no curso. O que eles fizeram foi uma apresentação na forma de dramatização intitulada “*Falha Nossa*”, na qual, fase a fase, destacaram os momentos mais marcantes de sua formação, e exploraram seus medos, anseios, erros e acertos em sua trajetória formativa, simulando situações de ensino-aprendizado teórico e prático. A apresentação causou encantamento e admiração da plateia pelo potencial criativo e humanístico dos/as estudantes. A experiência foi tão positiva que, a partir daquela edição, decidiu-se que os próximos Interfases seriam organizados pelos estudantes e que seria sorteada a fase que ficaria responsável pela programação do evento. Os/as primeiros/as sorteados/as foram os/as formandos/as, que ficaram responsáveis pelo preparo do evento com a colaboração de professores/as e, em especial, da coordenação do curso.

A partir de 2002.2 decidiu-se, por votação, que os/as formandos/as passariam a assumir a organização e programação do evento, contando com o apoio e parceria da Coordenação do Curso e dos/as professores/as

interessados/as em colaborar. O “Falha Nossa” compôs os Interfases realizados até agosto de 2003.¹, quando o encontro passou a ser programado integralmente pelos/as formandos/as, que assumiram o protagonismo do evento dispensando a participação de professores/as em sua elaboração. Desse modo, o Interfases, tornou-se também um evento de recepção aos/às calouros/as, visto que nas apresentações são retratadas todas as fases do curso.

Permaneci no cargo de coordenadora do curso até 1998, tempo suficiente para ver o Interfases ser definitivamente incorporado ao Curso de Graduação em Enfermagem. Percebe-se, portanto, que não se tratou de uma ação de apenas uma gestão. O evento completou 27 anos de existência em agosto de 2021 e está inscrito na história do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC. Tenho muito orgulho de ser sua idealizadora e perceber que se tornou um legado positivo que deixei na história do Curso na medida em que o corpo discente assume o espaço e o momento e dele não “abre mão”.

Saindo da coordenação do curso, assumi o cargo de coordenadora de estágios do Departamento de Enfermagem. Na época não havia sala específica para a função e a coordenadora fazia atendimentos a todos/as estudantes em sua sala de professor/a. Uma vez que as salas de professores/as, em meu departamento, sempre foram compartilhadas com no mínimo duas colegas, entendi que prestar atendimento para estudantes para resolver questões relativas a es-

tágios na sala que dividia com outras duas colegas era desrespeitoso e interferiria em sua capacidade de concentração no trabalho. Assim, consegui um banheiro desativado que havia em meu departamento (na realidade o que havia era apenas a área física, sem pia, vaso sanitário etc., que apenas seriam instalados futuramente) e ali montei a coordenadoria de estágios, conseguindo com a Direção do Centro um computador, mesa, cadeira e também uma bolsista para me auxiliar no trabalho. Na coordenadoria de estágio eram redigidos, assinados e encaminhados para os campos de prática todos os termos de compromisso de estágio, assim como o seguro dos/as estudantes. Eu e a bolsista elaboramos regimento, normas etc. e, para ajudar na organização interna, estabelecemos horários para expediente interno (tempo em que eram digitados todos os termos de compromisso e os seguros) e horários para expediente externo (atendimento a estudantes) que antes era sob demanda. Com tais ações, creio ter contribuído para organização e estruturação da referida Coordenadoria, tendo permanecido no cargo até 2004.

Ampliando horizontes: a experiência na Administração Central da Universidade

Em 2004 fui convidada pelo então reitor recém eleito professor Lúcio José Botelho, para assumir a Diretoria

Técnica de Ensino (DTE) da Pró-reitoria de Ensino de Graduação (PREG). Um convite instigante, primeiramente porque fui comunicada que, na história da UFSC, era a primeira vez que o cargo seria assumido por uma mulher e também porque entre suas funções estava a análise de todos os planos de trabalhos de cada departamento de ensino da UFSC, a análise e o deferimento dos pedidos de professores/as substitutos/as e efetivos/as para os departamentos, o atendimento a diretores/as de centro, chefes de departamento e também de docentes de toda a UFSC, entre outros. Era um cargo que manejava números, indicadores, cálculos de horas trabalhadas e, confesso, os números nunca me atraíram. Porém, como gosto de desafios, aceitei. Era igualmente um cargo de muita responsabilidade, uma vez que era a substituta natural do Pró-reitor de Ensino, Prof. Marcos Laffin, quando de seus impedimentos. Estar por quatro anos na Administração central foi um grande aprendizado.

Como substituta do pró-reitor, tive a oportunidade de participar de reuniões do Conselho Universitário (CUUn) e também das reuniões de pró-reitores/as com o reitor que ocorriam todas as segundas-feiras. A Comissão Permanente do Vestibular (COPERVE) naquela época fazia parte da PREG, de modo que quando substituía o pró-reitor, fazia parte de todas as reuniões e decisões relativas ao vestibular. O cargo me proporcionou uma ampla visão da UFSC, pois havia saído do mundo do Centro de

Ciências da Saúde, uma vez que na, nova função, dialogava diretamente com todos/as diretores/as de Centro e chefes/as de departamento de toda a UFSC.

Enquanto diretora na administração central da UFSC, creio que minha maior contribuição foi a criação de uma matriz de distribuição de vagas para novos/as professores/as efetivos/as entre os departamentos de ensino e a participação no projeto do então reitor, professor Lúcio Botelho, de socialização dos Planos de Acompanhamento das Atividades Docentes (PAADs) de todos os departamentos, que antes ficavam restritos à administração central e às chefias de departamento e tornaram-se, então, públicos para quem quisesse consultar a atividade docente de qualquer departamento de ensino.

Quanto à função, nem tudo são flores. Como pró-reitora em exercício, tive uma experiência que julgo importante relatar. Estava representando o pró-reitor em uma reunião do Conselho Universitário (CUUn) e na pauta havia a discussão do aumento do preço da refeição no restaurante universitário. A reunião ocorria no auditório da reitoria, sob a presidência do reitor. Ela havia começado às 9h da manhã. Às 9h30 o auditório foi invadido por aproximadamente 30 estudantes que eram absolutamente contrários ao aumento do preço das refeições, irados, indignados aos gritos de “*ai ai ai, ninguém entra, ninguém sai*”. O grupo fechou todas as saídas do auditório e seus integrantes disseram que ninguém sairia dali sem

sua ordem até que o reitor promettesse que não iria haver aumento no preço das refeições. Nesse cenário, todo o Conselho Universitário, incluindo o reitor, permaneceu em cárcere privado (assim caracterizado pela Polícia Federal) até às 17 horas, momento em que, com a intervenção do superintendente da Polícia Federal, todos/as foram liberados/as. Eu nunca tinha passado por situação semelhante. Lembro-me que por três vezes levantei e pedi para eles me deixarem ir ao banheiro e a resposta foi: “*se abaixe ali no canto e faça xixi ali se quiser professora, daqui ninguém sai*”.

Perto das 16h chegou o superintendente da Polícia Federal que, da cabine de audiovisual do auditório, começou a negociar com os estudantes. Foi quando fiz meu quarto pedido para ir ao banheiro, pois estava quase formando um globo vesical e não tinha mais como esperar. Um deles milagrosamente me deixou ir ao banheiro, que fica ao lado da cabine de áudio do auditório, desde que eu desse a minha palavra que voltaria. Subi a pequena escada que dá acesso e fui ao banheiro. Na saída, eu estava retornando ao auditório quando o superintendente da PF segurou-me pelo braço, perguntando: “*Onde a senhora vai?!*”. Eu respondi: “*Vou voltar para o auditório, eu prometi para ele que voltaria*”. Ele, então boquiaberto, perguntou-me: “*A senhora está louca? Aproveite e saia, vá embora, a senhora é a primeira a ser libertada do cárcere privado*”. Saí completamente atordoada, não sabia para onde

ir, o que fazer. Meu corpo tremia inteiro e caí em prantos até ser socorrida por um amigo.

Gostaria antecipadamente de me desculpar com você, leitor/a, por este relato, mas ele descreve um momento muito marcante de minha trajetória na UFSC. Confesso, contudo, que sou meio Polyana e, sendo assim, sempre busco o lado bom nas adversidades. Essa experiência me fez refletir sobre relações de poder, ideologias, movimentos sociais etc. Ainda mais: mostrou-me como a universidade existe em suas adversidades e em seus conflitos. Estar na gestão exigia tomada de decisões e decidir exigia confrontar a diversidade de posicionamentos, pluralidades, plausibilidades, enfrentamentos e buscar soluções. Nesta dinâmica a universidade continua aprendendo, ensinando e ampliando seus horizontes. Assim, na gestão aprendi a lidar com o contraditório. Uma experiência de significados para vivenciar a universidade na sua realidade.

Trabalhar com prof. Marcos Laffin (pró-reitor) foi um grande aprendizado. Ser humano extraordinário, inteligente, sagaz, humanista, comprometido com ensino, ele foi o melhor gestor que conheci em minha trajetória na UFSC e com quem muito aprendi. Preconizava e praticava a gestão democrática, participativa, compartilhada, valorizava o trabalho em equipe e conseguia fazer com que cada membro da mesma desse o melhor de si. Mais do que colegas de trabalho, tornamo-nos amigos! A ele,

meu eterno agradecimento e minha homenagem. Ao fim de nossa gestão escreveu:

“Olga

Conhecer, trabalhar e tornar-me seu amigo foi uma das boas coisas que aconteceram em estar na PREG; você foi um desses presentes inesperados e que nos marcam profundamente. Primeiramente por ser a pessoa humana que és: uma mulher inteligente, sensível, de uma perspicácia apurada, com uma imensa capacidade de articulação e de convencimento dos argumentos utilizados na ação, no trabalho, no diálogo. Nas tuas decisões quando dizias não, tinha os motivos do não e, além disso, conquistavas o sorriso do sim. Esse profissionalismo me deixava muito tranquilo nas minhas ausências quando te delegava a PREG pelos motivos de trabalho no MEC. Sabias criar um ambiente de motivação, encarnava todas as possibilidades e nunca desistia nas adversidades e olha que enfrentamos adversidades. Nas discussões do coletivo, nas reuniões de trabalho, nos projetos políticos, nas discussões nos Centros de ensino inspiravas e extravasavas os valores da condição humana. Sempre me senti muito confortável com tuas ponderações. Discutíamos as tarefas e você apontava as causas e isso demonstra o quanto você conhecia a instituição, as pessoas. Saber escutar é um atributo que a gente vai aprendendo com o tempo e você sempre soube ensinar a ouvir, a entender as razões e os fatos e depois propor alternativas. Assumir

coletivamente as responsabilidades das decisões fez com que encontrasse em você a reciprocidade, parceria, a lealdade e o comprometimento no trabalho. Como “desmisturar” a pessoa do trabalho? São essas autenticidades, essas autonomias que faltam para o trabalho coletivo, uma proposta engajada, que acredita nas possibilidades e realiza o que está no alcance sem perder a meta, a utopia. Foi muito bom trabalhar com você, conviver com você e aprender com você. Sobretudo, o caráter de pessoa sincera que não finge quando está magoada, mas que também abre os braços para o perdão. Gosto muito desse seu jeito conciliador, propositivo, coerente, decidido e questionador. Você junto com todas as direções da PREG tornou o percurso menos árido e muito, muito mais humano. E disso eu tenho saudades.”

Marcos Laffin

Findada a gestão Lúcio Botelho, em 2008 deixei o cargo na pró-reitoria e voltei às minhas atividades de ensino em meu departamento. Aliás, diga-se de passagem, em todos os cargos administrativos assumidos, só deixei de atuar em aulas na graduação entre 2004 e 2008, época em que um cargo de diretoria na administração central exigia 40 horas de dedicação exclusiva. O retorno não foi fácil. Por mais que eu ame a sala de aula, a gestão terminou em maio, na metade do semestre em curso, e meu

Departamento não havia programado para mim aulas naquele semestre. No entanto confesso que esse “tempo” foi importante para que eu redimensionasse minhas atividades.

Coordenadoria de diversidade sexual e enfrentamento da violência de gênero da UFSC – o reconhecimento da trajetória nos estudos da sexualidade

Em 2016, na gestão Cancellier, fui convidada em um primeiro momento para assessorar a recém criada Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades (SAAD) na elaboração de uma proposta de política de enfrentamento à violência contra a mulher na UFSC. Findado o trabalho, o reitor me convidou para assumir a Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento da Violência de Gênero (CDGEN) da SAAD.

Assumir o cargo foi a materialização da realização de meu trabalho com as questões da diversidade, pois me oportunizou trabalhar em prol do que sempre defendi: a busca pela igualdade; equidade; tratamento digno, humano, não preconceituoso e não discriminatório a toda pessoa, independentemente da cor, raça, orientação sexual.



A CDGEN foi criada, durante a gestão do Reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivo, com o objetivo de estabelecer políticas de enfrentamento à LGBTfobia e violência contra a mulher, na luta pela promoção dos direitos da população universitária LGBTQIA+ e para acolher mulheres vítimas de violência. Entre minhas ações no cargo, destaco: a confecção de um calendário de datas alusivas à diversidade sexual e à violência contra a mulher; a elaboração de uma proposta de minuta para o fluxograma e encaminhamentos das denúncias nas temáticas da CDGEN; a criação do **“Cura ou não Cura”**, um evento realizado anualmente no dia internacional de combate à homofobia e que já está na sua quarta edição; a elaboração de uma proposta para o enfrentamento da violência contra a mulher na UFSC; a criação do “CDGEN cuida”, um projeto com atendimento psicológico gratuito (16 seções) com psicólogo da CDGEN para pessoas em sofrimento psíquico por LGBTfobia ou em função de sua orientação sexual, ou, ainda, vítimas de violência contra a mulher; e a co-participação no **“Glossário da Diver-**

idade”, elaborado pela SAAD, tendo ficado sob minha responsabilidade o **“Glossário da Diversidade Sexual”**. Para além dessas atividades, destaco também o pedido realizado ao artista plástico Luciano Martins para criação de uma logomarca para CDGEN com a respectiva cedência para UFSC de seu direito de uso.



Logomarca da Coordenadoria de diversidade Sexual e Enfrentamento da Violência de Gênero (SAAD) – UFSC, criada pelo artista plástico Luciano Martins.



Dia do orgulho LGBT
– CDGEN.



Coordenadora da CDGEN/
SAAD/UFSC.



Folder do projeto CDGEN-cuida – CDGEN/SAAD/UFSC.



Cura ou não cura.



Dia do orgulho LGBT – CDGEN.



Campanha dia da não violência contra a mulher
CDGEN/SAAD/UFSC.

Ao sair do cargo na CDGEN, por motivos particulares, no segundo semestre de 2018, em função de minha experiência administrativa fui convidada para ser Diretora da Secretaria de Esportes da UFSC (SESP), auxiliando em sua reestruturação e participando ativamente na elaboração de seu regimento, assim como das resoluções relativas a pedidos de auxílio de alunos para participar de competições esportivas.

O desafio de coordenar um espaço multiuso durante a pandemia de COVID-19

Realizado meu trabalho na SESP, assumi meu último cargo administrativo: Coordenadora do Espaço Cultural Gênero e Diversidades da UFSC (ECGD-IEG-UFSC), um espaço multiuso, com atividades artístico culturais, relacionadas a gênero e diversidades. Esse cargo foi assumido em março de 2020 e, em seguida, a UFSC entrou em trabalho remoto, devido à pandemia da COVID-19. Na busca por dar visibilidade ao ECGD, em um momento de atividades não presenciais na UFSC, criei duas mostras virtuais: “**Talentos UFSC**”, que tem por objetivo divulgar para comunidade universitária os diversos talentos que a UFSC possui (arte, música, bordado, pintura, entre outros) e é semanalmente divulgada nas pági-

nas do ECGD nas redes sociais (*facebook*[®] e *Instagram*[®]); e também a mostra “**Entrelaçando Mundos**”, que visa divulgar as diversas culturas (tanto do ponto de vista nacional, quanto internacional) que transitam pela UFSC. Registro ainda que obtive sucesso no encaminhamento de pedido de reforma estrutural do ECGD (construção de rampa acessível, banheiro acessível, reforma do forro do teto, instalação de pia para cozinha, pintura geral, restauração do assoalho), tendo sido realizada visita técnica no dia 23 de março de 2021 de equipe de engenheiros do Restaura UFSC que, no momento, está elaborando o projeto de execução, compromisso assumido pela reitoria para este ano.



Estabelecendo parcerias: aprendendo e ensinando nos “Cursos de Formação em Gênero e Diversidade na Escola”

Ainda como cargo administrativo, fui coordenadora de tutoria do segundo **“Curso de Aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola”** (GDE) promovido pelo IEG/UFSC, e, no curso de **“Especialização EaD em Gênero e Diversidade Sexual na Escola”**, exerci, no primeiro ano, o cargo de subcoordenadora, passando, em função de licença para tratamento de saúde da titular, professora Miriam Grossi, a exercer a função de coordenadora.

Esses cargos foram assumidos em função da parceria com minha co-orientadora de doutorado, a antropóloga prof^a Dr^a. Miriam Pillar Grossi, que acreditou em mim, em meu potencial e me convidou para assumir a função de professora e depois coordenadora de tutoria nos dois primeiros cursos de Aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na escola e, por fim para dividir com ela a coordenação da Especialização.

O “Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola” objetivou oferecer às(aos) profissionais vinculadas(os) à Educação Básica da rede pública de ensino conhecimentos acerca da promoção, do respeito e da valorização das diversidades étnico-raciais, de orientação sexual, identidade de gênero e deficiência, colaborando

para o enfrentamento da violência sexista, étnico-racial, homofóbica e capacitista no âmbito das escolas.

O curso foi desenvolvido na modalidade a distância nos polos de ensino localizados nas cidades de Concórdia (região Oeste), de Florianópolis (capital), de Itapema (região do litoral norte), de Laguna e de Praia Grande (região do litoral sul). Foram 148 concluintes e a organização das bancas para defesa dos TCCS envolveu mais de 70 orientadoras e orientadores de todo o Brasil, sendo todas e todos convidados diretamente por mim. Não foi uma tarefa fácil assumir a coordenação de um curso de tamanha complexidade.

Na mesma época em que assumi a coordenação, em meados de 2015, meu pai foi diagnosticado com Enfise-ma Pulmonar, passou por três internações e, quando em casa, ficava em oxigenoterapia. Sempre tivemos uma relação muito forte e ele confiava muito em mim e só queria a mim para seus cuidados. Neste contexto, nas 3 internações, sendo a menor uma semana e a maior 20 dias, eu entrava com ele no hospital e só saía na alta. Quando da alta, eu ia diariamente à casa dele para lhe cuidar e fazer companhia.

Durante todo este tempo não peguei licença na UFSC, continuava supervisionando estágios na Maternidade Carmela Dutra pela manhã, ministrando a disciplina de Sexualidade nas segundas à tarde, com duas

orientandas de TCC na enfermagem e duas no GDE e coordenando o GDE. Todos sabiam que meu limite na UFSC era 17h. Após esse horário, ia para casa de meu pai e de lá só saía à meia noite. Nos finais de semana, permanecia direto lá cuidando dele e só voltava para casa domingo meia noite, pois, na manhã seguinte, tinha estágio com alunos/as.

Foi nesse cenário de minha vida pessoal que assumi a coordenação do GDE. Porém não tinha como ser diferente. Esse projeto foi um compromisso que assumi com a professora Miriam Grossi (coordenadora) e no impedimento dela por licença de saúde, eu sabia que tinha que honrar com o compromisso assumido e assim o fiz.

A formatura do GDE foi em 3 de março de 2018, em uma linda cerimônia no Centro de Eventos Luiz Cancellier de Olivo, com a presença do reitor (Cancellier), que fez questão absoluta de comparecer, uma vez que sempre apoiou a causa da diversidade. A sua organização foi complexa e exigiu de mim um sobretrabalho imenso, que incluiu desde todo o preparo do cerimonial até o jantar de formatura ocorrido na sede do Volantes da UFSC. Para minha alegria e realização, ao final deu tudo maravilhosamente certo! Para ocasião, compus uma paródia que denominei “Balada do GDE” e foi cantada na cerimônia. Foi um momento mágico e lindo e me orgulho muito de para ele ter contribuído e dele ter participado.

Deixo aqui minha homenagem e o registro de minha eterna gratidão à profa. Miriam Grossi, uma referência internacional no campo dos estudos de gênero com quem sempre aprendo, pela parceria na contínua e incansável luta pelo respeito às diversidades e às várias possibilidades de ser/estar no mundo.





A ÚLTIMA AULA DE UMA ETAPA DE FORMAÇÃO: as bancas examinadoras



Dentre as atividades administrativas que um/a professor/a assume na carreira do magistério superior está a participação em bancas examinadoras tanto de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses quanto de concursos para professores/as substitutos/as e/ou efetivos/as, avaliação de progressão funcional de colegas, entre outras. Aqui destaco a participação em bancas de TCCs, dissertações e teses.

Minha experiência como componente desse tipo de banca examinadora começou em 1986, juntamente de minha primeira orientação de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação. De lá para cá, foram inúmeras experiências, tanto em bancas de graduação, quanto de pós-graduação. Nelas, seja como presidente, em trabalhos por mim orientados, ou como membro, sempre procuro respeitar o/a estudante antes de tudo como pessoa, reconhecendo seu potencial e buscando contribuir para o enriquecimento do trabalho realizado. Para mim, salvo melhor juízo, essa é a “última aula” de determinada etapa

de formação na academia. Talvez a mais rica, aquela em que tanto professor/a quanto estudante aprendem pela diversidade de olhares e abordagens aí explicitadas.

Os temas foram os mais diversos, em geral orbitando questões relacionadas à saúde da mulher; sexualidade ao longo do ciclo vital, educação em sexualidade, gênero e diversidade sexual. Tal diversidade de temas, sem dúvida, constituiu-se em momento de rica aprendizagem visto que permitiu que eu me aproximasse de temas complementares à minha área de pesquisa, ampliando não só minha compreensão quanto às possibilidades teóricas e metodológicas, como também minha visão de mundo.



O RECONHECIMENTO DA PRÁTICA DOCENTE PELOS ESTUDANTES



*Há coisas na vida que não se repetem.
São sempre como se fora a primeira vez.
Ser homenageada por formandos é uma delas*

(Olga Regina Zigelli Garcia)

Durante minha trajetória nestes 40 anos fui homenageada várias vezes por formandos/as da enfermagem. Não saberia precisar numericamente, mas, com certeza, foram muitas. A cada homenagem, minha reação é de surpresa e emoção, sempre como se fosse a primeira vez, pois com cada turma estabelecemos uma relação diferente e também estamos em momentos diferentes de nossas vidas. Por várias vezes fui homenageada especial, paraninfa e nome de turma. Considero essas homenagens uma forma de avaliação do meu trabalho docente e, portanto, um reforço positivo que me dá forças para continuar lutando pelo que acredito no ensino e na profissão.



[VOLTA AO SUMÁRIO]

Homenagem na formatura de turmas do curso
 “Aperfeiçoamento e Especialização em
 Gênero e Diversidade na Escola”.

PARA ALÉM DE SÓ DAR AULAS - O TRABALHO DOCENTE



Voltando à pergunta que deu origem ao título deste livro: o/a professor/a de magistério superior trabalha ou “só dá aula”?

Para responder esta pergunta, elaborei uma tabela síntese do fazer acadêmico de um/a docente no ensino superior das autarquias federais. Longe de pretender esgotar todas as possibilidades, trata-se de uma tentativa de demonstrar as nossas várias frentes de atuação.

Tabela 1 — Atividades docentes no ensino superior público das autarquias federais.

ENSINO	PESQUISA	EXTENSÃO	ADMINISTRAÇÃO
Prepara e desenvolve aulas para graduação e pós-graduação	Realiza projetos de pesquisa	Ministra minicursos, oficinas, palestras	Participa de reuniões de comissões; disciplinas; colegiados de departamentos, de cursos, de conselhos superiores etc.
Elabora e corrige provas e trabalhos	Submete projetos de pesquisa às agências de fomento	Propõe e/ou participa de trabalhos feitos junto à comunidade	Pode assumir os cargos de: coordenador de disciplina, de fase, de curso, chefe de departamento, coordenador, secretário, diretor ou pró-reitor na administração central etc.
Orienta trabalhos de alunos na graduação e na pós-graduação	Elabora relatórios de pesquisa	Concede entrevistas para meios de comunicação	Coordena laboratórios
Ministra cursos	Produce e publica artigos científicos	Presta cuidados e assistência de saúde em projetos específicos da área (profissionais da área da saúde)	Participa de bancas trabalhos de alunos na graduação e na pós-graduação
Realiza visitas técnicas	Produce e publica livros/capítulo de livros	Elabora projetos de divulgação e socialização do conhecimento produzido para sociedade	Participa de bancas de concurso para professor/a substituto/a e/ou efetivo/a
Supervisiona estágios	Avalia artigos de colegas para revistas	Representa a universidade junto a conselhos/entidades	Participa de bancas de progressão funcional de colegas
Atende alunos fora do horário de aula para orientar a aprendizagem	Participa de conselhos editoriais de periódicos	Realiza assessoria/ consultoria para empresas	Participa em comissões diversas, incluindo as de processos administrativos
Acompanha alunos em visitas em campo	Participa e/ou organiza eventos científicos	Elabora pareceres técnicos	Quando em cargo na administração central propões, decide, viabiliza, capta recurso e infraestrutura junto ao MEC

Elaborado pela autora.

Na tentativa de representar espacialmente a indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão e administração no fazer acadêmico do/a professor/a universitário/a elaborei e apresento a figura abaixo:



Importante destacar ainda que a maioria das atividades acima descritas exige um conjunto de leituras prévias que devem ser realizadas e consomem um tempo considerável, na maioria dos casos realizados em nosso domicílio e que há ainda inúmeros casos de professores/as que, mesmo aposentados/as, continuam atuando nas universidades públicas como voluntários/as.

Por último, importante dizer que, para que possa progredir na carreira, a cada dois anos o/a professor/a apresenta para uma banca, formada por três outros/as do-

centes, um relatório de sua atuação bianual no qual deve comprovar atuação em todas as áreas: ensino, pesquisa, extensão e administração progredindo somente se alcançar a pontuação mínima exigida.

Como se pode perceber, existe uma dinâmica produtivista no ensino superior público. Na visão de Ferreira, Borsoi e Pereira⁵ é necessário um olhar crítico direcionado ao tipo de produtividade científica que tem se exigido nas universidades que “Compromissadas com os congressos e periódicos científicos que definem sua posição no mundo acadêmico global, se fecham para as reais demandas e necessidades da sociedade que a abriga”.

No modelo de universidade que está em vigor, a fim de que se cumpram as exigências que aos/às professores/as são impostas, vivencia-se a precarização do trabalho docente (desconheço professor/a que trabalhe somente a carga horária pela qual é contratado/a ou concursado/a). Podemos dizer ainda que, para além das exigências de produção acadêmica, vivenciamos as tentativas de desprestígio e “demonização” de nossa categoria no cenário político atual do Brasil. Tal situação vêm abalando a saúde física e men-

⁵ BORSOI, F. I. C.; PEREIRA, F. S.. Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. *Univ. Psychol.*, Bogotá, v. 12, n. 4, p. 1213-1235, Dec. 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672013000400018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 jun. 2021. (Citação da página 1212).

tal de muitos/as professores/as e provocando adoecimento e sofrimento na medida em que traz uma carga para o/a professor/a enquanto sujeito, uma vez que não consegue estabelecer limites para sua jornada de trabalho, sendo forçado/a a invadir o tempo da vida privada para conseguir atender a todas as demandas no exercício da profissão. Esse contexto se agravou ainda mais com a pandemia de COVID-19 e o trabalho remoto parece interminável. Não são raras as propostas, por exemplo, de reuniões fora do horário de trabalho (no meu caso, à noite).

Tal conjuntura tem feito com que a baixa qualidade de vida laboral venha sendo associada ao sucateamento das universidades, tal como preconizado por Pereira⁶ fazendo com que professores/as universitários/as considerem o trabalho docente como gerador de insatisfação, insegurança pessoal, estresse laboral, o que foi indicado por Guevara e Domínguez⁷. No caso do Brasil, segundo Ferreira, Borsoi e Pereira:

⁶ PEREIRA, O. A. V. Qualidade de vida no trabalho de docentes universitários de uma instituição pública e outra privada do leste de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Sustentabilidade do Centro Universitário de Caratinga, Minas Gerais, Brasil. 2006.

⁷ GUEVARA, H.; DOMÍNGUEZ, A. Aproximaciones teóricas a la calidad de vida del profesor universitario. **Revista de Bioética Latinoamericana**, v. 8, n. 1, p. 61-74, (2011).Disponível em: <http://www.saber.ula.ve/bitstream/123456789/34040/3/articulo6.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.

[...] foram as reformas governamentais direcionadas às universidades públicas, e postas em prática nos anos 1990, que surgiram como geradoras de determinados problemas que passaram a afetar o cotidiano e a saúde dos professores a partir da virada do milênio. Ao longo desse período, essas reformas implicaram mudanças em vários âmbitos da vida docente. No âmbito da carreira, houve alterações nos critérios para aposentadoria e para progressões funcionais, criação de normas produtivistas de avaliação de desempenho individual, bem como cortes de benefícios, como quinquênios, anuênios, e licenças-prêmio. Quanto à remuneração, continuamos registrando perda de poder aquisitivo do salário.^{8:1215}

A partir de minha experiência em 40 anos de docência no ensino superior, afirmo, sem medo de errar, que a quantidade e a diversidade das atividades acadêmicas sobrecarregam os/as docentes, invadindo, assim, seu cotidiano particular e subtraindo-lhes tempo para o descanso, o lazer, a vida familiar e social. Esse trabalho excessivo decorre também do desmonte da universidade pública,

⁸ Excerto extraído de Ferreira, Borsoi, Pereira (2013, p. 1215).

limitando seus recursos e professores/as. Longe de ser um trabalho assumido de forma romantizada, é, sim, um trabalho necessário realizado de forma coletiva e em defesa dessa instituição social.

A partir desses esclarecimentos, espero que você, leitor/a, volte seu olhar para os/as professores/as do magistério superior não apenas como aqueles/as que “dão aula”, mas como sujeitos do trabalho que, para além de um potencial transformador, têm um lugar social dentro do modo de produção.

“ENQUANTO A PESQUISA É INTERMINÁVEL, UM TEXTO DEVE TER UM FIM”⁹ – CONSIDERAÇÕES FINAIS



*“As coisas findas
Muito mais que lindas
Estas ficarão”*

(Carlos Drummond Andrade)

Rememorar minha trajetória em 40 anos de exercício do magistério superior não foi uma tarefa fácil. Com certeza, o que aqui descrevi não corresponde à totalidade das ações desenvolvidas no período. Porém, ao reler as memórias aqui relatadas, certifico-me de que refletem a essência de minha trajetória na UFSC. Um trabalho, em minha percepção, produtivo e que deixou marcas positivas de aprendizagens e ressignificações do trabalho na

⁹ Trecho retirado de: CERTEAU, M. de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. (p. 93).

universidade, de compreensão da condição humana, da diversidade de e das pessoas e de seu direito de ser e pensar diferente. Enfim de uma professora que vê o ser humano como pleno de saber, contextualizado e em construção de sua provisoriedade. Com esse olhar, creio ter colaborado não só para a instituição, mas também para estudantes e comunidade em geral, cumprindo, dentro do possível, com um dos papéis mais importantes da universidade: a socialização do conhecimento e a possibilidade de mudança da realidade social.

No decorrer de minha caminhada no ensino superior da Enfermagem, por muito tempo me senti sozinha na introdução das discussões de gênero, diversidade e sexualidades na área da saúde, em especial no Centro de Ciências da Saúde da UFSC, o que sempre me trouxe uma sensação de ser uma transgressora, por muitas vezes à margem daquilo que se entendia por ciência. Porém nunca deixei de lutar para inserir a temática no meu campo de saber e hoje é com orgulho que digo que o curso de enfermagem da UFSC é o único a ter em seu currículo a disciplina obrigatória de “Corpo, gênero e sexualidade”.

Durante minha trajetória como enfermeira e professora universitária, procurei dar o melhor de mim no desempenho de minhas funções. Amo o que faço e faço o que amo! Essa é uma das frases que repito a todo instante. Amor! Esse foi o combustível que me moveu nesses

40 anos, o que me proporcionou muitos momentos de felicidade, além de satisfação e crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional.

Como professora, nunca deixei de ser e atuar como enfermeira. Quando estou em campo de atividades práticas com estudantes, desempenho simultaneamente as duas funções e, assim, sinto-me realizada, tanto ao contribuir para melhoria da condição de saúde das pessoas, por meio da assistência, como também por ser uma mediadora do desenvolvimento e aprendizado de estudantes, como docente. Sim, a menina Olga conseguiu realizar seu sonho de ser enfermeira e professora! Nem tudo são flores... Houve pedras na caminhada, momentos de decepção e tristeza, mas eles só serviram para me fortalecer a edificar a profissional que me tornei. Posso afirmar sem medo de errar que, nesses 40 anos, mais aprendi do que ensinei.

Trago a UFSC tatuada em meu coração. Nela estudei e realizei toda minha formação. É minha segunda casa, minha segunda família e sinto uma gratidão imensa por todas as pessoas que cruzaram meu caminho nesta trajetória ajudando-me em meu desenvolvimento pessoal e profissional. Dentre todas, algumas me marcaram profundamente por sua partida precoce, deixando um vazio e dor em meu coração. São pessoas queridas e especiais a mim presenteadas (sim elas foram um presente) na carreira universitária e com quem muito aprendi:

Tito Sena, irmão de alma, que me conduziu com afeto, carinho e muitos sorrisos pelo maravilhoso mundo das Ciências Humanas, ensinando-me o verdadeiro sentido da palavra parceria; *Laura Cristina da Silva Lisboa de Souza* irmã de coração, que me ensinou que vale a pena cultivar a amorosidade e cuidar com amor não só dos/as pacientes, mas acima de tudo de nossos/as alunos/as; *Luiz Cancellier de Olivo* com quem aprendi que o mundo pode ser melhor se respeitarmos todas as cores e soubermos praticar a empatia e a escuta atenta; *Heloisa Helena Zimmer Ribas Dias*, um ser de luz com quem aprendi que, sim, devemos perseguir nossos sonhos; e *Margareth Linhares Martins*, amiga de infância, professora e colega de trabalho enfermeira na alma, ser humano iluminado que reforçou em mim a importância de cultivar o amor pela profissão, pelo ser humano e pelo cuidado. Tenho certeza de que elas não estão distantes...estão apenas do outro lado do caminho a iluminar a vida das almas que tocaram. Serão sempre minha inspiração! A elas, meu eterno agradecimento e minha singela homenagem.

Sim! Tenho orgulho imenso em pertencer à Universidade Federal de Santa Catarina! Se penso que poderia ter feito mais? Talvez sim, mas, ao fazer esta retrospectiva, vem-me a certeza que fiz o melhor possível em cada

momento vivenciado, sempre procurando acertar. Não passei em vão! Deixei marcas positivas para a instituição e isso me dá a sensação de dever cumprido. Arrependimentos? Nenhum! Faria tudo novamente!

Eu poderia estar aposentada há 10 anos. Por que não me aposentei? Porque, repito, amo o que faço e penso que tenho ainda muito a contribuir para instituição e, em especial, para formação de futuros/as enfermeiros/as. Portanto, enquanto a legislação permitir, continuarei minha missão e meu ofício no ensino superior.

Relatar minhas vivências na trajetória de 40 anos de UFSC é também uma forma de homenagear meus pais Walmor Zomer Garcia e Gertrudes Zigelli Garcia (*in memorian*).

Ambos são o alicerce sobre o qual me edifiquei enquanto pessoa e que, mesmo em outro plano da existência, continuam a ser meu paradigma de tenacidade, ética, dignidade e ser humano. Tenho a mais absoluta certeza que, mesmo em outro plano existencial, estão felizes, pois sempre se orgulharam, e muito, de ter uma filha enfermeira e professora universitária. A eles dedico estas memórias!



Concluo com um texto por mim escrito em 2015, no qual exponho algumas das muitas memórias afetivas nesta caminhada.

FRAGMENTOS DE MINHA HISTÓRIA NA UFSC/CCS



Hoje, saindo do Centro de Ciências da Saúde onde trabalho, olhei as hortênsias e lembrei que elas estão ali porque um servidor Técnico Administrativo do CCS chamado Sérgio e conhecido como Pardal amava hortênsias e as plantou nas entradas do prédio.

Olhei as roseiras, flores e pitangueiras e me lembrei do cuidado e amor do Servidor Técnico Administrativo Valberto (que muito retroprojeter carregou de sala em sala) com elas.

Na secretaria do meu Departamento, olhei uma cadeira antiga, que tem partes em corino e madeira e me lembrei: aquela era a cadeira da Coordenadora do Curso Profª. Nelcy Mendes, cadeira esta que ela adorava e levava sempre consigo quando mudava de cargo.

Olhei, ainda em meu Departamento, um cesto de lixo cheio de folhas de papel descartadas e me lembrei do Senhor Wilson, antigo servidor do Departamento de Enfermagem, que, após aposentado, passava lá três vezes por semana com um saco de lixo enorme recolhendo papel para lixo reciclável.

Já me dirigindo ao carro, no estacionamento vi o Reinaldo acabando de lavar um carro e pensei: “perdi as contas de quanto tempo o Reinaldo está aqui, no estacionamento do CCS, lavando carros e conhecendo a maioria das(os) professoras (es) por seus nomes”.

Finalmente no carro, vindo para casa, pensei: “tanta gente nova na UFSC, em meu Centro de Ensino, em meu Departamento. Para elas, mais uma flor no jardim, mais uma cadeira, mais um cesto de lixo cheio de papéis, mais um rapaz que lava os carros”.

Então me bateu um saudosismo e me enchi de orgulho. Orgulho em fazer parte e ser testemunha dessa história!

Sorrindo para mim mesma, cheguei em casa feliz, ao constatar: “Sim, faço parte dessa história... história por mim vivida e testemunhada”. Como é bom poder registrar, com o coração transbordando de emoção um fragmento do mundo do trabalho!

Deixo aqui o registro para que sobrevivam além de mim e de meu eterno amor e admiração pela UFSC.



Quando pensei que tinha chegado ao fim o relato de minhas memórias como professora universitária, com este livro já na etapa de revisão, recebi a notícia de que vou ser vovó! Primeira neta! Uma menina! Essa notícia me desencadeou uma onda de emoções e de novos sentimentos. Respirei profundamente e pensei: vai com calma tempo! Você está passando rápido demais!... Parece que foi ontem quando vi o meu filho pela primeira vez, há 32 anos. Lembrei-me dos medos, ansiedades e alegrias que permearam seu nascimento e minha maternagem em um processo de contínuos aprendizados, desafios e descobertas.

Há uma frase atribuída a Luiz Fernando Veríssimo que desde que li pela primeira vez me encantou: *“Quando a gente acha que tem todas as respostas, vem a vida e muda todas as perguntas...”* Pois bem, quando eu pensava que já tinha aprendido o suficiente, vem a vida e mostra o seu ciclo sem fim: nesse caso com a chegada de um bebê e eu, movida por desafios que sempre fui, estou pronta e aberta para esse novo aprendizado: ser avó!

Ao encerrar este livro de memórias quero aqui deixar registradas algumas palavras para minha neta.

Minha querida neta! Não sei que idade terás quando conseguires ler este livro com os teus próprios olhos. Mais do que ler, compreender os “não ditos” ao longo do texto. Espero, de coração, que ele sirva não só para conheceres um pouquinho mais da tua vó, mas sobretudo como inspiração para a tua construção como mulher que persegue seus objetivos, demonstrando coragem em meio aos seus medos. Neste sentido, te deixo de presente uma frase de Cecília Meireles que é um de meus lemas de vida: “Aprendi com as primaveras a me deixar cortar e voltar sempre inteira”. Com amor, Vó Olga.



Arte da capa, Catarina de Alexandria, considerada padroeira dos estudantes, filósofos e professores, foi retratada em mosaico no interior do prédio da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina entre 1995-1996 pelo artista plástico, poeta, intelectual, pensador, mosaicista, muralista e artista multifacetado **Rodrigo de Haro**, (Paris, 6 de maio de 1939 – Florianópolis, 1 de julho de 2021). Haro é um ícone da cultura catarinense, também autor do mosaico da fachada da Reitoria, um dos maiores murais da América Latina, com 440 metros quadrados de área, construído entre os anos 1997 e 2000 e nomeado pelo artista e seu assistente **Idésio Leal** de “Muro da Memória”.

Juntos, emendaram dias e noites pesquisando a história das Américas. Um dado se transformava em imagem na cabeça do artista, que era desenhada numa imensa parede e, depois, coberta com pequenos e coloridos pedaços de azulejo. Nos mosaicos de Haro, as imagens parecem brincar com o espectador e, peça por peça, vão narrando a história das Américas.

